

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Kamilah Carriço Santos

CAMPESINATO EM MOVIMENTO:
a mídia impressa e a luta pela terra em La Convención nos anos 1960

Florianópolis

2021

Kamilah Carriço Santos

CAMPESINATO EM MOVIMENTO:

a mídia impressa e a luta pela terra em La Convención nos anos 1960

Trabalho Conclusão do Curso de Graduação em História do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do título de Bacharel/Licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Pinheiro Machado.

Florianópolis

2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Santos, Kamilah Carriço

Campe sinato em movimento: : a mídia impressa e a luta
pela terra em La Convención nos anos 1960 / Kamilah Carriço
Santos ; orientador, Paulo Pinheiro Machado, 2021.

65 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em História,
Florianópolis, 2021.

Inclui referências.

1. História. 2. História do Peru. 3. Periódico. 4. Jornal
do Brasil. 5. Movimentos sociais. I. Machado, Paulo
Pinheiro. II. Universidade Federal de Santa Catarina.
Graduação em História. III. Título.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

ATA DE DEFESA DE TCC

Aos 30 dias do mês de setembro do ano de dois mil e vinte e um, às 9 horas, por meio do ambiente virtual *Google Meet*, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelos seguintes membros, Prof. **Paulo Pinheiro Machado** (orientador) e Prof. Prof. **Everson Felipe Adão** (membro), sendo suplente o Prof. **Gabriel Goulart Barboza**, designados pela Portaria TCC nº 38/HST/CFH/2021, a fim de arguirm o Trabalho de Conclusão de Curso da acadêmica **Kamilah Carrico Santos**, intitulado: “**Campesinato em Movimento: a mídia impressa e a luta pela terra em La Convención nos anos 1960**”. Aberta a Sessão pelo Senhor Presidente, a acadêmica expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, a candidata foi arguida pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas, pelos membros da banca as seguintes notas: Prof. **Paulo Pinheiro Machado**, nota 9,0, Prof. **Everson Felipe Adão**, nota 9,0 ; sendo a acadêmica aprovada com a nota final 9,0. A acadêmica deverá entregar na Coordenadoria do Curso de Graduação em História em versão digital, o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, até o dia 7 de outubro de 2021. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pela candidata.

Florianópolis, 30 de setembro de 2021.



Documento assinado digitalmente
Paulo Pinheiro Machado
Data: 30/09/2021 12:08:23-0300
CPF: 415.676.840-68
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Prof. (Orientador):.....



Documento assinado digitalmente
Everson Felipe Adao
Data: 01/10/2021 09:53:38-0300
CPF: 079.642.209-50
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Prof. (Membro):.....



Documento assinado digitalmente
Kamilah Carrico Santos
Data: 30/09/2021 16:55:30-0300
CPF: 099.481.669-30
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

(Candidata):.....



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
Campus Universitário Trindade
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina
FONE (048) 3721-9249 - FAX: (048) 3721-9359

Atesto que a acadêmica **Kamilah Carriço Santos**, matrícula n.º 16103753, entregou a versão final de seu TCC cujo título é “**CAMPESINATO EM MOVIMENTO: a mídia impressa e a luta pela terra em La Convención nos anos 1960**”, com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 30 de setembro de 2021.



Documento assinado digitalmente
Paulo Pinheiro Machado
Data: 30/09/2021 13:07:03-0300
CPF: 415.676.840-68
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Orientador

AGRADECIMENTOS

A minha trajetória na universidade foi marcada por diversas pessoas que cruzaram meu caminho, a elas gostaria de deixar minha profunda gratidão.

Muito obrigada a UFSC por todas as oportunidades e obrigada ao professor Paulo Pinheiro Machado por ter aceitado o desafio de ser meu orientador nessa pesquisa, as nossas trocas – mesmo que poucas, devido a pandemia - sempre foram muito positivas e me deixavam inspirada para escrever.

Agradeço imensamente meus amigos de vida que sempre me incentivaram enquanto futura pesquisadora e professora, pelos vários momentos de alento e distração da vida acadêmica. Sem vocês a vida teria sido muito mais amarga.

Agradeço as amizades que fiz na faculdade, que com certeza me fizeram crescer, agradeço pelos laços de parceria que foram construídos e que tenho certeza que mesmo com a distância não serão apagados. Meu agradecimento especial para minha amiga e dupla de trabalhos acadêmicos durante todos esses anos, Vitória Ferraz Lozado, passamos por diversos sufocos juntas, mas no final sempre eram recompensados. E em especial também para minha amiga Valéria Machado, que me apoiou em momentos cruciais e sempre esteve ali para me dar forças mesmo nos momentos mais desesperadores.

Agradeço a minha organização política e aos amigos que encontrei ali, foi uma experiência importante para que eu buscasse me desenvolver dentro dos estudos marxistas e forjasse meus princípios de forma mais concreta. Todas as leituras e debates que compartilhei ali foram proveitosos e me deram uma base mais segura para conseguir escrever.

Por último e mais importante, gostaria de agradecer à minha família, que me deu suporte em toda minha vida, principalmente meus avós e meus pais, pois sem eles eu jamais chegaria onde cheguei, todas as minhas conquistas eu devo e dedico a eles.

Esse trabalho foi fruto de tempos difíceis, se tivesse sido produzido em outro momento seria uma pesquisa totalmente diferente, espero que de alguma forma seja útil para alguém e que minha criação forme raízes, continue crescendo e inspire outras pessoas.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar o discurso da imprensa brasileira que noticiou sobre os movimentos camponeses peruanos nos anos 1960. Para isso, foram escolhidas edições do Jornal do Brasil datadas entre 1962 e 1963, anos em que se deram as principais ocupações de terra nas fazendas da Província de La Convención. A monografia analisa o intercâmbio de informações e a narrativa anticomunista dos jornais buscando compreender a desqualificação dos camponeses peruanos pela mídia e refletir sobre o contexto das mobilizações sociais rurais durante esse período no Brasil. O trabalho avalia, igualmente, o papel da imprensa enquanto formadora de opinião e agente do processo histórico-político.

Palavras-chave: História do Peru; Periódico; Jornal do Brasil; La Convención; Movimentos sociais

ABSTRACT

This work aims to analyse the discourse of the Brazilian press that reported on the Peruvian peasant movements in the decade of 1960. To this end, it was chosen some editions of the “Jornal do Brasil” dated between 1963 and 1963, years in which the main land occupations took place in the farms of La Convención Province. The monograph analyses the exchange of information and the anti-communist narrative of the newspapers, seeking to understand the disqualification of the Peruvian peasants by the media and to reflect on the context of the rural social mobilizations during this period in Brazil. The work also evaluates, equally, the role of the press as an opinion maker and an agent of the historical-political process.

Keywords: Peruvian History; Journal; Jornal do Brasil; La Convención; Social Movements

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Mapa de La Convención e alto Urubamba **9**

FIGURA 2 – Mapa do Departamento de Cusco **10**

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AP: Ação Popular

APOP: Aliança Para O Progresso

APRA: Alianza Popular Revolucionaria Americana/Aliança Popular Revolucionária Americana

JB: Jornal do Brasil

MRI: *Movimiento Revolucionario di Izquierda*

NYT: *New York Times*

OEA: Organização dos Estados Americanos

ORIT: Organização Interamericana dos sindicatos livres

PCB: Partido Comunista Brasileiro

PCP: Partido Comunista Peruano

UPI: *United Press International*

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. BREVE HISTÓRICO POLÍTICO SOCIAL DO PERU.....	15
2.1 OS ANTECEDENTES DO CENÁRIO POLÍTICO.....	17
2.2 A TRADIÇÃO DE INSURGÊNCIA CAMPONESA PERUANA.....	21
2.3 A TERRA E A REFORMA AGRÁRIA EM LA CONVENCIÓN, PERU.....	24
2.4 A CONTRANARRATIVA POPULAR E SUAS CONTRIBUIÇÕES.....	27
3. A IMPRENSA NO PERU E NO BRASIL.....	30
3.1 A IMPRENSA PERUANA.....	30
3.2 A IMPRENSA BRASILEIRA.....	33
4. O DISCURSO DA IMPRENSA.....	39
4.1 LA CONVENCIÓN AOS OLHOS DO JORNAL DO BRASIL (1962-1963).....	40
4.2 A IMPRENSA PARCIAL E IDEOLÓGICA COMO ARMA.....	54
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	58
FONTES.....	61
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	63

1. INTRODUÇÃO

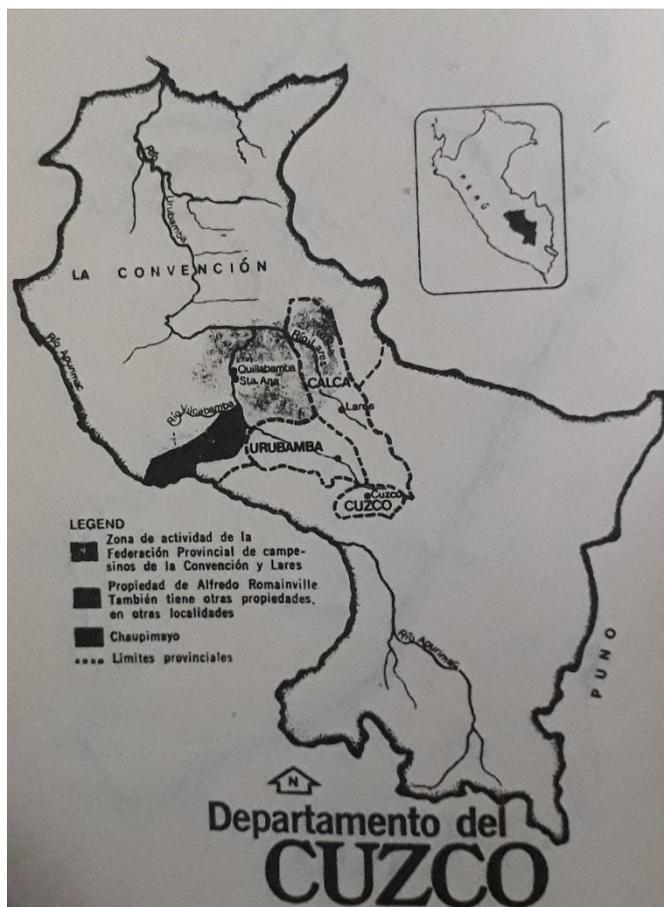
Essa pesquisa propõe uma reflexão acerca dos movimentos sociais camponeses pela reforma agrária que estavam em ebulição na província de La Convención localizada no departamento de Cusco no Peru, esse movimento teve seus principais acontecimentos em 1961-1962 e foi organizado por entidades camponesas da Serra peruana que tinham como objetivo ocupar terras que foram tomadas dos camponeses e acabar com a exploração nas *haciendas*. Nessa época havia cerca de 174 fazendas na província, das quais pelo menos 70 foram confirmadas como ocupadas pelo movimento, as principais eram a de Santa Rosa dos Romainville que tinham várias terras, a Huadquiña, Pavayoc, Paltaybamba, San Lorenzo, Versailles, Echarate e Granja Misión, e outras que foram incluídas nos planos de expropriação posteriormente. No mapa abaixo é possível ter uma noção geográfica de localização, principais regiões e arredores da província.

Figura 1 – Mapa de La Convención e alto Urubamba.



Fonte: MERMA; JULCA. Descripción del medio y bases de zonificación del alto Urubamba, Cusco, Perú. Departamento Académico de Biología, Universidad Nacional Agraria La Molina, Lima – Perú, 2012.

Figura 2 – Mapa do Departamento de Cusco.



Fonte: BLANCO, Hugo. Tierra o Muerte. 3ª edição, 1979.

O contexto de ebulição popular compartilhado pela América Latina nessa época foi cheio de contradições e eventos políticos intensos. O continente durante a Guerra Fria se tornou campo de disputa por influência entre as duas potências mundiais - Estados Unidos e União das Repúblicas Socialistas Soviéticas -, as contradições do capitalismo se acentuam mais em territórios de colônias e ex-colônias devido ao intenso histórico de exploração pelos países centrais e as desigualdades exacerbadas resultantes dessa dominação, isso fez com que a América Latina, assim como alguns países do Leste Asiático e da África, fosse implodida com revoluções sociais. Em 1959 o nosso continente foi palco da Revolução Cubana que veio para estremecer as estruturas sociais da época e dar um sopro de esperança aos revolucionários e a quem desejava transformações sociais, porém em resposta houve um aumento da difusão do anticomunismo, que acabou afetando os países latino americanos.

Depois do processo revolucionário em Cuba, os Estados Unidos viram sua influência ameaçada na América Latina e como estratégia o presidente John F. Kennedy criou a Aliança Para o Progresso (APOP) como meio de barrar as ideias socialistas que poderiam se espalhar no continente a partir de Cuba, esse programa foi responsável por ações militares

estadunidenses e por interferência nas políticas internas nacionais, colocando ainda mais em xeque a soberania dos países latino americanos que por muito tempo já se encontrava fragilizada. No Peru, mais especificamente, a APOP em 1962 intervém para a derrubada do presidente Victor Haya de La Torre do Partido Aliança Popular Revolucionária Americana (APRA), que mesmo sendo reformista também tinha histórico de ser notadamente antiimperialista e ter influências marxistas. Essa década foi marcada por deposições de juntas militares e pelo governo de Fernando Belaúnde (Ação Popular - AP), o qual se colocava como uma terceira via em um mundo polarizado entre o capitalismo e o socialismo, essa posição não agradou ao povo que logo radicalizava suas manifestações políticas.

O historiador Eric Hobsbawm ao escrever um pouco sobre La Convención e os movimentos de guerrilha do campesinato em seus artigos, afirma que houve uma grande manifestação jornalística na época, (HOBSBAWM, 2017, p.209) visto isso a pesquisa será baseada em jornais brasileiros do período para que se consiga fazer uma análise dos discursos midiáticos e também perceber a potência da mídia impressa enquanto difusor de informação, ressaltando seu caráter parcial, e nesse caso mais especificamente na difusão da propaganda anticomunista. Para isso, serão utilizados edições do periódico brasileiro *Jornal do Brasil*, um dos principais impressos do país fundado em 1891 no Rio de Janeiro pelo jornalista Rodolfo Epifânio de Sousa Dantas, que na época de sua criação tinha posições de cunho monarquista e um dos seus principais escritores era o historiador Joaquim Nabuco. Já no começo do século XX, o *Jornal do Brasil* conseguiu alcançar o patamar de maior número de leitores da América Latina e depois, na década de 60, tornou-se modelo de design gráfico para outros periódicos brasileiros até a atualidade, sendo fundamental para a história da imprensa do país. Durante a ditadura o jornal foi perseguido por tentar burlar a censura do Estado, depois, no entanto ele passa a endossar a narrativa militar e ser um jornal de postura pró-regime.

Nessa pesquisa pretendo investigar os eventos de organização política e popular na província de La Convención no Peru dos anos 60 através da representação de jornais brasileiros, para entender o uso da propaganda anticomunista e pensar na importância desses acontecimentos para a história latino-americana. As edições deste jornal estão disponíveis na hemeroteca digital nacional que pode ser acessada digitalmente, a análise dos escritos só é possível dentro da sua própria época e do contexto situado, o que significa pesquisar o histórico dos jornais, seus proprietários na época em questão, buscar os interesses que estão envolvidos. O uso de jornais como fontes e objetos de estudo é ainda recente na historiografia, apenas a partir dos anos 70 que se começou a dar mais valor para a mídia impressa e é a Escola dos Annales que influenciou não só nas temáticas e nos campos da história, mas também na

mudança do que é considerado fonte documental. O olhar do historiador passa a ampliar sua visão para maiores e mais inovadoras opções de estudo que antes sequer passavam pela cabeça dos acadêmicos. É interessante que os jornais além de noticiar os processos históricos também podem se tornar sujeitos deles e terem papéis ativos, através de sua influência e na formação de opiniões dos leitores. O tema dessa pesquisa me instiga enquanto pesquisadora por ser um assunto que atualmente não é de conhecimento comum e por ter um enorme potencial investigativo, me agrada pessoalmente poder trabalhar com algo que valoriza a história latino-americana e poder ter a oportunidade de contribuir na produção científica acerca dessa temática.

O historiador Eric Hobsbawm escreveu um pouco sobre a exploração da terra no Peru - na província de La Convención - e ele afirma que as contradições da estrutura latifundiária e os levantes dos camponeses peruanos deveriam ser alvos de estudos, que os pesquisadores deveriam prestar mais atenção a isso visto que é um dos acontecimentos mais relevantes da história recente da América Latina. Seguindo o que Hobsbawm indicou, me interessei por essa série de eventos que, apesar de ter sido relevante, ainda não tinha lido ou aprendido sobre em nenhum outro momento. Em tempos como esses, é relevante que se faça cada vez mais estudos a respeito influência da mídia na formação da opinião pública e de decisões políticas, e é cada vez mais necessário que olhemos para experiências ou tentativas revolucionárias em países com a realidade semelhante à brasileira para que possamos tirar uma práxis por meio das teorias e estudos. Através dessa pesquisa quero trazer em evidência a população enquanto sujeito histórico ativo e preservar a memória das lutas camponesas peruanas.

A historiografia por muito tempo não deu destaque a quem estava à margem da sociedade, o povo custou a aparecer nos livros de história e um dos historiadores que contribuiu para a ruptura da história tradicional e elitista foi Edward P. Thompson que nos deu o termo “história vista de baixo”, ele se dedicou nos estudos sobre os operários britânicos e ao me inspirar em seus escritos, bem como nas obras de autores marxistas, pretendo transpor seus objetivos e intenções ao tratar do trabalhador do campo latino americano e também trazer em conjunto as reflexões do autor peruano José Carlos Mariátegui.¹ A classe camponesa, assim como a classe operária, foi muito negligenciada pelo Estado e pelos pesquisadores, portanto apesar de já haver bibliografias a respeito, procuro dar continuidade a essa prática, a América Latina é um continente que tem um histórico de resistência e luta popular que já vem de tempos desde a colonização, logo é necessário que se faça cada vez mais presente uma abordagem

¹ A história vista de baixo de Thompson (2001) e Os Sete ensaios da realidade Peruana de Mariátegui (2010)

menos elitista da história, indo em direção a construção de uma consciência histórica coletiva latino-americana que venha de baixo.

Por fim, mas mesmo assim imprescindível, para discutir a realidade política e social do Peru irei trabalhar com os autores peruanos José Carlos Mariátegui e o líder do movimento camponês nos anos 60, Hugo Blanco. Mariátegui é um dos mais conhecidos marxistas da América Latina, escritor que trouxe o socialismo como horizonte de expectativa para a realidade latino-americana, ele busca no passado diversas respostas e relaciona a coletividade das terras incas e a colonização do Peru, para articular com o presente que possui grandes desigualdades sociais para chegar na solução que é a revolução socialista indo americana. É indispensável as obras de Mariátegui quando se trata de Peru e América Latina, ainda mais tratando de revoltas e movimentos sociais, o autor sempre reconheceu a questão da terra e dos camponeses indígenas como central para entender o contexto peruano. Já Hugo Blanco, participante de destaque do movimento em La Convención e outras localidades do Peru, conta sua experiência revolucionária através do seu livro *Tierra o Muerte* (1979) para que sirva de exemplo, estudo e prática para outros movimentos revolucionários que possam vir na posterioridade, tanto para contribuir com os acertos como aprender com os erros que tiveram. Blanco tinha como objetivo organizar a união camponesa e operária para se libertar das opressões raciais, imperialistas e de classe que regem a estrutura social do Peru.

No segundo capítulo pretendo tratar da história do Peru mostrando suas especificidades que são de extrema importância para entender a complexidade da realidade peruana, primeiro contextualizando a política e o Estado peruano, seus governantes, partidos e projetos políticos para depois tratar sobre as lutas populares camponesas e sobre o evento principal da pesquisa que são os movimentos em La Convención. Por último, gostaria de chamar atenção para a produção popular das contribuições históricas que os camponeses tiveram e analisar como o líder do movimento, Hugo Blanco, compreendia a imprensa e opiniões oficiais.

Já no terceiro capítulo entro mais a fundo na questão da imprensa e mídia impressa abordando o Brasil, visto que irei analisar o periódico O Jornal do Brasil, e o Peru que é onde aconteceram os eventos políticos citados. A periodicidade e o desenvolvimento da imprensa de cada país são elementos importantes para compreender o caminho que a mídia periódica percorre em cada país até chegar nos anos 60.

No quarto capítulo, entrarei mais a fundo nas fontes periódicas, percebendo a fonte periódica como possuidora de um papel importante na história, assim como uma ferramenta da historiografia e problematizando seus limites, além disso, irei analisar a ideologia dos discursos midiáticos e o anticomunismo presente nas matérias jornalísticas acerca das revoltas

camponesas peruanas e relacionando com o próprio contexto do campo brasileiro que provocava preocupações na imprensa e em setores reacionários. Na parte final irei retomar alguns pontos importantes da pesquisa, costurando as principais reflexões e conclusões acerca desse estudo.

2. BREVE HISTÓRICO POLÍTICO SOCIAL DO PERU

A região de La Convención fica ao sul do país e é a maior província do departamento de Cusco, é uma zona montanhosa acidentada, fria e pouco irrigada, mas também tem terrenos de florestas subtropicais, mesmo com esse clima rígido a atividade agrícola é essencial, principalmente o cultivo de batata e quinoa, assim como outros produtos como cacau, milho e café, a atividade pecuária de gado e ovelhas também são fundamentais. (BLANCO, 1979, p.10) A posição que se encontra essa província é muito estratégica por ficar a algumas horas da estação de trem que possibilita a conexão e mobilidade com outras regiões importantes, o terreno é bem diverso tendo a altitude e também por fazer parte da floresta e bacia amazônica, além de ser um território que abriga patrimônios culturais de povos indígenas da época anterior à colonização. (HOBSBAWM, 2017, p.223)

A estrutura agrária do Peru tem elementos que são heranças do antigo Império Inca e foram apropriados e modificados pelos colonizadores espanhóis, o sistema produtivo foi transformado para ser um benefício de mão única e não um sistema de servidão que havia uma troca recíproca, os produtos e excedentes eram ganhos apenas para os colonizadores, além da mão de obra também era necessário fornecer os produtos para o dono das terras, a produção e os excedentes não eram apenas locais, foram inseridos em um mercado maior, além do aumento de tributos e serviços em cima dos indígenas que foram condicionados à servidão para poder cultivar. A terra que antes tinha um status comunitário, mesmo tendo relação hierárquica dos servos com o Inca (imperador), agora passa a ser transformada em propriedade e as relações de trabalho vão modificando de acordo com essas novas dinâmicas sociais que não são mais baseadas na subsistência familiar e no ganho do povo inca, agora está ligada ao sistema mercantil de lucro agenciado pelos espanhóis. (HOBSBAWM, 2017, p.109)

A propriedade de terra foi nomeada de *hacienda* pelos colonizadores, os fazendeiros procuram expandir o domínio de suas terras para aumentar o cultivo e conseguir as melhores terras, com isso prejudicando camponeses que tinham sua produção independente. O processo de concentração de terras se deu através de poder econômico e militar, a expulsão das terras muitas vezes exigia violência quando não era terra comprada de outros fazendeiros menores, com o passar do tempo também foi sendo utilizada a via jurídica para constatar a posse e o direito sobre as terras, às vezes usando de documentos falsos.

A mudança na estrutura da terra também ocasionou na transformação das relações sociais, a nova hierarquia na sociedade que foi se formando nas áreas rurais do Peru. As principais categorias do latifúndio peruano são o latifundiário que é o dono das terras, o

arrendatário (*arrendire*), o *allegado* e os *habilitados/peones*. O latifundiário fornece parte das terras em troca de mão de obra e serviços, o arrendatário fica a serviço do latifundiário e muitas vezes tem que trabalhar na terra dele e não na sua própria, o *allegado* é contratado pelo arrendatário para cultivar as terras que ele não consegue por ter que trabalhar nas terras do fazendeiro e os *peones* são os trabalhadores independentes sem-terra. (HOBSBAWM, 2017, p.142) Esse sistema de produção usou a força de trabalho principalmente de camponeses indígenas por ser mão de obra barata, por conta do não reconhecimento da cidadania dessas pessoas pela legislação e pelo Estado, os castigos, a violência física, os estupros, toda a exploração não eram vistos e eram normalizados, o judiciário na maioria das vezes ficava do lado do latifundiário.

A crise social na serra peruana foi se intensificando cada vez mais a partir dos anos 50, os políticos e a elite se preocupavam em desenvolver as áreas urbanas, investir e melhorar as condições de vida da Costa, enquanto a serra era abandonada. A oligarquia enquanto classe que disputava o poder político estava mais enfraquecida, surgiram outros partidos representando outros setores e os latifundiários estavam cobrando novas demandas de serviço do campesinato, esses vários fatores culminaram para incentivar os camponeses a se organizarem e disputarem a terra. (MURRI, p.106)

Antes de poder analisar o movimento camponês de La Convención é essencial a compreensão da construção histórica e social do Peru em toda sua complexidade e suas especificidades, a realidade peruana é profunda e cheia de contradições desde suas raízes que constroem essa estrutura nacional dividida em fundação e superfície ou em Costa e Serra como já foi estabelecido por Mariátegui. (MARIÁTEGUI, 2008, p.200-201) Nesse breve histórico escolhi abordar principalmente as disputas políticas que antecedem a radicalização nos anos 60, apresentar os projetos políticos que estavam em voga anteriormente e como a questão da terra era tratada pelos governantes, em contraste com a tradição de revolta indígena e camponesa no país, traçando temporalmente essa indignação e as lutas populares pela terra na compreensão de uma herança e luta histórica com acúmulos de experiência e conhecimentos populares.

Assim, trilhando o caminho até chegar ao contexto principal de La Convención em 1962, que vai ser palco das ações combativas pela terra e pela reforma agrária, que foi muito discutida por diferentes setores da sociedade e que, portanto, havia divergências no projeto e prática de como deveria ser essa distribuição territorial. Nesse sentido, ao aprofundar melhor os eventos que se estabeleceram pela luta armada, ocupação de terras e as aspirações revolucionárias do movimento, se evidencia a importância da construção de uma narrativa

popular que vá contra a hegemonia midiática e os interesses da classe dominante, para pensá-la enquanto contribuição histórica, historiográfica e de aporte para o próprio movimento camponês amadurecer com seus avanços e experiências.

2.1 OS ANTECEDENTES DO CENÁRIO POLÍTICO.

A história do Peru não começa no século XIX, se inicia muito antes da Conquista também, mas desde então vêm sendo marcada por interferências estrangeiras e muita resistência, seria necessário um trabalho inteiro apenas para dar conta desse resgate histórico, então será possível dar mais atenção à política do final do século XIX e do século XX. São nos anos 90 do XIX que se tem o desenvolvimento do capitalismo e da burguesia em solo peruano, o que marca profundamente a estrutura econômica e social com seus enclaves capitalistas na Costa enquanto no interior do país são mantidas relações de produção pré-capitalistas e com características semifeudais, que segundo Mariátegui se resumem em duas principais: o latifúndio e a servidão. O conceito de semi-feudalismo está ligado ao modo atrasado de produção do campo usado para enriquecer os latifundiários através do sistema de arrendamento de terras e reprodução do trabalho através de exploração da mão de obra camponesa, a semifeudalidade seria um dos modos de produção que entraria na definição mais ampla de “relações não capitalistas de produção”, essa que pode ser utilizada para outros modos pré capitalistas além desse descrito por Mariátegui, como por exemplo as relações de produção comunal indígena ou o modo de produção escravista, diferentes modos de produção podem coexistir e não necessariamente são opostos ou excludentes. (MARIÁTEGUI, 2010, p.46) (IBID, p.68) (HOBSBAWM, 2017, p.150-151)

Muitos regimes militares foram sustentados pela burguesia, que ainda não era forte enquanto classe para comandar o Estado, porém a reativação econômica deu impulso para se articular mais politicamente e a pensar em projetos nacionais. Três processos se destacam na história peruana até 1930: a implantação e consolidação do capital monopolista, sob controle imperialista, como dominante em uma combinação complexa com as relações pré-capitalistas de produção até então dominantes; a reconstituição dos interesses e movimentos de classe; e o desenvolvimento e renovação do debate ideológico-político, tanto nas classes dirigentes quanto nas classes médias e baixas. (MARIÁTEGUI; QUIJANO (prólogo), 2007, p.XIV) Na década de 50 ocorre uma grande migração em direção a Lima, que causa descontentamento dos mais ricos que nutrem desprezo pela população indígena, as elites políticas peruanas se veem pressionadas a pensar em soluções para os problemas nacionais, são construídas novas

alternativas políticas pelos partidos que queriam sair da polarização entre capitalismo e socialismo para traçar um caminho original e que correspondesse com a realidade do Peru. (SOARES, 2009, p.29) Esses projetos focavam no desenvolvimento do país, na modernização, na integração nacional e em reformas sociais. (SOARES, 2009, p.30)

O general Manuel Arturo Odría tomou o poder através de um golpe em 1948 e governou até 1956, foi um período que intensificou o domínio do capital estrangeiro, durante seu mandato investiu-se na construção de habitações urbanas populares para gerar mais empregos e resolver os problemas de moradia, é possível que essas tentativas de melhoria nas partes urbanas fossem uma estratégia para estimular os camponeses a migrarem para a cidade e atenuar a situação do campo, no entanto medidas de importação de alimentos acabaram afetando o setor agricultor e desagradando o campesinato, intensificando os conflitos. (SOARES, 2009, p.32) Além disso, mesmo com essas habitações populares, Odría não conseguiu administrar o contingente populacional que chegou na capital nas migrações, não havia empregos suficientes, o que levou ao aumento da clandestinidade e das *barriadas* (periferias peruanas).

Em 56 foram convocadas novas eleições, onde Manuel Prado saiu vitorioso pela Coalizão Nacional tendo apoio de diversos setores agroexportadores, da imprensa e do APRA, o qual negociou a legalidade do partido e participação no governo, a aliança com os apristas foi essencial para agregar votos e garantir o mandato. (COTLER, 2006, p.243) Com esse resultado das eleições os projetos reformistas não puderam ser colocados em prática ainda, dois deles - o da Ação Popular e o das Forças Armadas - tiveram suas oportunidades a partir de 62. Já Prado deu continuidade às medidas de abertura ao capital estrangeiro, houve um crescimento do movimento sindical e a intensificação na organização do movimento camponês serrano do vale de La Convención y Lares, onde os campesinos tomaram 70 de 140 fazendas. É durante o mandato de Prado que há um amadurecimento das forças populares e de seus métodos de organização, é através de entidades como a Federação Regional de Camponeses, fundada pelo PCP e apropriada pelos trabalhadores da região, que a luta será instrumentalizada, foi um importante canal de integração. (SOARES, 2009, p.56) Esse movimento mais forte se inicia durante o governo de Prado, mas se mantém nos mandatos seguintes durante os anos 60 com seus êxitos e falhas, suas recessões e ressurgimentos em décadas seguintes também com outras organizações e lideranças.

A Ação Popular (AP) se estabeleceu na disputa eleitoral de 1962 com o candidato Belaúnde Terry e contou com o apoio das Forças Armadas e outros partidos como a Democracia Cristã, o Partido Comunista e importantes meios jornalísticos como o El Comercio. O candidato à presidência trazia consigo uma imagem renovadora, se apresentava

como a terceira via na política e foi o primeiro governo progressista depois de vários conservadores no poder, havia muitas expectativas. Mais especificamente com relação à questão da terra a AP planejou a política de “colonização viária” que era um meio de incorporar terras inexploradas da *Ceja Montaña* e incentivar a migração e o plantio dessas terras através da construção de estradas, além disso isso seria uma forma de superar o subdesenvolvimento e a exclusão social pela auto suficiência alimentar e sem entrar em choque com as elites.

Porém essa solução não era suficiente para melhorar a qualidade de vida dos camponeses andinos, um dos mais importantes jornais, o *La Prensa*, acusou a AP de estar estimulando agitação camponesa pressionando para que tivesse uma repressão mais contundente sobre as massas, junto a isso a condição de continuidade do apoio das Forças Armadas ao governo era a autorização de punição a quem se rebelasse, assim o congresso bloqueou os mecanismos que dariam andamento a reforma agrária e aprovaram uma medida que os “invasores de terras” não seriam beneficiados pela reforma, os trabalhadores do campo continuaram a protestar e foram reprimidos violentamente com napalm, isso fez com que o governo da AP entrasse em descrédito e perdesse aceitação no campo. Esse posicionamento e flexibilização das pautas para conquistar o povo sem assustar a elite só causou descontentamento de todos os lados, uma conciliação de interesses falha em que Terry se encontrava andando em uma corda bamba.

No que tange às questões da terra foi proposto uma ampla reforma agrária, que previa um aumento do poder de consumo dos beneficiados e que desenvolveria mais o mercado interno, além da indenização aos desapropriados que seriam incentivados a se transferirem para o setor industrial, era uma tentativa de superação do subdesenvolvimento através da modernização capitalista disfarçada de “revolucionária”. Na prática essa reforma agrária foi limitada de caráter segmentário e burocrático, não conseguiu atender as demandas populares e nem conseguiu cultivar uma base social firme, a indignação popular continuou.

Durante a primeira parte do século XX no Peru há uma disputa pela liderança das massas trabalhadoras e um desenvolvimento da luta de classes, o Partido Comunista – ex-partido Socialista fundado por Mariátegui² - passa por uma transformação interna com o entendimento que os partidos reformistas deveriam ser combatidos, não mais aliados e que o embate entre burguesia e proletariado deveria também passar pelas fileiras do partido, expulsando diversos quadros pequeno burgueses, com uma tentativa de se alinhar cada vez

² Essa mudança de nome do Partido acontece depois da morte do fundador do Partido, José Carlos Mariátegui, e é justificada pelo alinhamento do partido com a III Internacional Comunista e os demais PC

mais ao povo, no entanto isso vai ser frustrado e o Partido vai ficar isolado por um bom tempo. A APRA - Aliança Popular Revolucionária Americana - teve mais sucesso nesse quesito, conseguiu se difundir no território peruano como uma fonte renovadora de esperança através de sindicatos, organizações culturais, juvenis.

Com o passar dos anos entre 1930 e 1960 Haya de La Torre e o Partido como um todo se afastou cada vez mais de seus elementos marxistas e buscou usar os interesses em comum e menos conflitantes entre as classes para conseguir esse apoio de diferentes setores. (COTLER, 2006, p.192) Durante o governo de Bustamante (1945-1948), o APRA preferiu solucionar os conflitos do campo não pela reforma agrária, mas através de propostas no parlamento de regulamentação das relações entre latifundiários e *yanaconas*,³ isso não agradou os trabalhadores rurais que se mobilizavam para não perder suas terras. (COTLER, 2006, p.217) Em 1948 o APRA promoveu um levante popular que acabou fracassando, esse evento foi significativo para o partido dar uma virada cada vez mais à direita, no sentido de se tornar mais legalista, adentrando mais no jogo parlamentar e fazendo alianças para se manter dentro da política burguesa. O sucesso da APRA no início do século XX já não se sustentava tanto nos anos 1950 por esses vários motivos e isso fez com que perdesse espaço para outros partidos reformistas como a Ação Popular.

O Partido Socialista do Peru foi fundado por Mariátegui em 1928, para José Carlos Mariátegui o problema central do Peru era o problema da terra que conseqüentemente se ligava ao problema do indígena, logo o Partido tinha em seu programa e em seus princípios a questão agrária como uma das partes fundamentais, um dos primeiros documentos afirmava na declaração doutrinária que:

O socialismo vê tanto na subsistência das comunidades quanto nas grandes empresas agrícolas os elementos de uma solução socialista da questão agrária, solução que vai tolerar, em parte, a exploração da terra por parte dos pequenos agricultores, ali onde o *yanaconazgo*⁴ ou a pequena propriedade recomendem deixar à gestão individual - enquanto se avança na gestão coletiva da agricultura - as zonas nas quais este tipo de exploração prevalece. (MARIÁTEGUI, 2008, p.123-124)

Além disso, nas reivindicações imediatas do Partido Socialista, além de várias medidas trabalhistas e que especificam outras áreas, consta a abolição efetiva de todo trabalho forçado ou gratuito e do regime semi-escravista nas montanhas, a entrega de terras dos latifúndios às

³ Yanacóna é o nome que permaneceu sendo utilizado para denominar trabalhadores inseridos no sistema de semi-servidão ainda conhecido como yanacónazgo.

⁴ O yanacónazgo foi uma forma de semi-servidão que os colonizadores adotaram do sistema incaico e que permaneceu sendo utilizada posteriormente, é o acesso à terra do latifúndio para o cultivo em troca da força de trabalho explorado, os trabalhadores podem utilizar a terra desde que vendam para os latifundiários sua produção, em determinados dias do mês também tinham que trabalhar em servidão sem qualquer ganho.

comunidades para distribuição e sem indenização, e a entrega de terras tornadas disponíveis pelas obras de irrigação para cooperativas e camponeses pobres. (MARIÁTEGUI, 2008, p.125) No entanto, depois da morte de Mariátegui em 1930 o Partido entra em um período de disputa de linhas políticas e toma um rumo revisionista que se mantém durante um bom tempo, se torna um Partido eleitoreiro e afastado das massas fazendo alianças duvidosas e acreditando em uma mudança dentro da ordem burguesa. Isso só vai mudar efetivamente entre 1964 e 1965 quando a chamada fração vermelha derruba a direção revisionista e toma de volta o Partido, que posteriormente vai se radicalizar, retomar o pensamento de Mariátegui e avançar sua política através do marxismo, leninismo e maoísmo com Abimael Guzmán, o Presidente Gonzalo.

Essa época foi marcada por projetos reformistas, diferentes perspectivas de mudança e disputas políticas acirradas que vieram em resposta a anos de exploração, subdesenvolvimento e em consequência do capitalismo, além disso, tiveram diversos governos autoritários, corruptos e que por isso provocaram descrença com relação a classe política, esse sentimento de indignação se acumula a partir desses vários fatores, alguns mais antigos e outros recentes. Partindo dessa retrospectiva política que pauta mais as movimentações eleitorais, as campanhas e partidos, pode-se seguir e traçar em paralelo o histórico de luta camponesa.

2.2 A TRADIÇÃO DE INSURGÊNCIA PELA TERRA

Antes de La Convención existe uma extensa e significativa história de resistência camponesa que precede os acontecimentos na região de Cusco. A partir do processo de conquista dos espanhóis se iniciou a longa disputa pela terra que se torna central para quem a tem como parte do seu estilo de vida e como sustento do seu povo. Podemos dizer que o Peru é uma sociedade majoritariamente camponesa e indígena, em 1920 Mariátegui já afirmava que três quartos da população é indígena, portanto, as pautas nacionais têm que abranger os indígenas visto que não há Peru sem eles.

As categorias campesinato e camponês muitas vezes podem ser confundidas como marcadores temporais e geográficos de outros contextos, mas são termos que continuam sendo utilizados e que vão se modificando conforme suas historicidades, diferentes sentidos podem ser designados para esses mesmos termos. O conceito de camponês existe independente das diferentes estruturas sócio econômicas, no entanto essas diferentes estruturas vão influenciar a formação do campesinato dentro de suas condições materiais históricas. (SHANIN, 2005, p.14) Camponeses tem suas características específicas que vão ser apresentadas em qualquer sistema e algumas particularidades que são próprias de cada época e estrutura.

A industrialização e modernização são processos que tentam esconder os camponeses, uma oposição como se o campo e o camponês estivessem atrasados e não fizessem mais parte do mundo moderno. Esses grupos não estão parados no tempo e isolados do resto da sociedade, interagem com seus semelhantes e com não camponeses, são seres sociais em constante movimento mesmo que com apego às suas terras, mesmo que queiram fixar raízes e retomar seu cultivo. Existe um debate sobre a descamponização da agricultura que seria um processo que acontece com os avanços do capitalismo, é evidente que o campo sofre transformações à medida que a industrialização ocorre.

Nesse caso, a utilização do termo está fortemente entrelaçada com movimentos sociais rurais e carrega um peso político de identidade e auto afirmação. (SHANIN, 2005, p.2) Além disso, devem ser consideradas as relações de produção que implicam no sistema econômico e nas categorias das forças produtivas que caracterizam a sociedade peruana, as relações concretas de classe. Uma definição que Hobsbawm utiliza também auxilia a entender essa categoria, o autor delimita os camponeses a partir do entendimento de serem:

homens do campo de riqueza não mais do que moderada (para os padrões sociais dominantes) que cultivam suas terras principalmente com seu próprio trabalho e o de suas famílias, ou que querem terras para esse fim; e para os quais essa atividade não é apenas um negócio, mas um modo de vida (HOBSBAWM, 2017, p.170)

Há diferentes modos de produção dentro do que consideramos o campesinato peruano, campesinato dentro do modo de produção capitalista e o campesinato no modo de produção coletivista, que apesar de ser impactado pelos mecanismos capitalistas não obedece a mesma lógica de produção e consumo. Ademais, existem diferentes subcategorias do trabalho no campo em que as principais são chamadas de *allegados*, *arrendires* e *peones*, mas também tem outras denominações como *yanaconas* se referindo ao modelo de servidão *yanaconaje*, como já explicado anteriormente neste capítulo.

Quando tratamos de camponeses no Peru temos que nos dar conta de que majoritariamente são camponeses indígenas, o marcador étnico racial é importante no seu modo de vida e na forma que se relacionam entre si e com o todo, e é relevante para a percepção das elites para com o campesinato. No entanto, nem todos os indígenas peruanos são camponeses e nem todos os camponeses vão ser indígenas. No governo de Leguía (1919-1923)⁵, Cotler descreve que “na sua gestão, foi criado o Patronato de Raça Indígena, com a

⁵ Augusto Bernardino Leguía y Salcedo foi presidente do Peru de 1919 a 1924, se reelegeu em 1924 e depois em 1929.

função de proteger o camponês; instituiu-se o Dia do Índio e foram instalados centros agropecuários e escolas agrícolas para a população indígena” (COTLER, 2006, p.155), essa passagem é um dos exemplos de como essas duas categorias estão historicamente entrelaçadas no contexto peruano. Então, mesmo que sejam categorias distintas, elas acabam por se cruzar, os dois conceitos são importantes para compreender a realidade peruana e suas experiências históricas populares.

O movimento anticolonial do século XVIII liderado por Tupac Amaru II e Micaela Bastidas P. foi essencial para incentivar as lutas de independência, os indígenas camponeses foram precursores e o Tupac Amaru foi imortalizado sendo utilizado como símbolo revolucionário por todo continente latino americano, algumas organizações populares levam seu nome e sua memória.⁶ Uma das consequências da derrota das revoltas foi a dissolução da autoridade que mantinha uma unidade política indígena foi que “fez que a população indígena fosse perdendo a sua identidade étnico-regional, diluindo-se até não ser mais do que uma massa indiferenciada de camponeses.” (COTLER, 2006, p.49-50)

Outra rebelião colonial que aconteceu em Cusco foi a liderada por Pumacahua com alta participação de indígenas por conta de atualizações nas reformas Bourbon (COTLER, 2006, p.54) Essas constantes revoltas espalhavam um medo generalizado na aristocracia limenha que enquanto os criollos de outras partes da América apoiavam a independência, os criollos peruanos resolveram defender a Coroa temendo essa radicalização da luta indígena, a vontade de querer manter as tradições coloniais e por Lima ser uma das principais concentrações dessa elite apegada nessa herança que as forças independentistas vão ser majoritariamente formadas por indígenas e provincianos. (AGUERO, 1965, p.428-429)

O historiador peruano Julio Cotler cita brevemente sobre a continuação das revoltas camponesas contra os latifúndios do sul do Peru no período do governo de Leguía nos anos 20, o capital estrangeiro impulsionou a expansão de propriedade e conseqüentemente ocasionou a expulsão das comunidades campesinas, por conta disso Leguía resolveu colocar dois indigenistas em uma equipe de investigação em uma tentativa de aliviar as tensões ao mesmo tempo que enviava as forças do Estado para reprimir as ações do campo. (COTLER, 2006, p.156) Embora não tenha muito mais destaque que isso e sejam escassas informações como os principais participantes e como era a organização dessas revoltas, parece evidente novamente

⁶ Antes disso, era bastante comum ter protestos locais indígenas, no entanto foi com a liderança de Tupac II que se uniram vários setores descontentes com a Coroa e se espalharam revoltas locais pressionando cada vez mais a elite crioula e a própria metrópole. Vários cacicados se uniram a ele, outros movimentos de diversas partes do Peru reivindicavam sua liderança para ganhar notoriedade.

que indígenas e camponeses são tratados no mesmo grupo e que há uma continuidade no movimento camponês, principalmente do sul do Peru, que se mantém na luta contra as estruturas latifundiárias e a exploração no campo.

Um dos acontecimentos importantes da história peruana foi a insurgência em Trujillo no ano de 1932, se uniram camponeses e trabalhadores de outros setores junto com os militantes da APRA em torno da liderança de Manuel Barreto para tomar a cidade sendo motivados pela indignação contra o atual presidente Luis Sánchez Cerro, que tinha restringido as liberdades individuais e políticas, além das contínuas explorações no campo que permaneciam sem solução.

Muitas vezes as revoltas nas áreas rurais eram feitas de forma espontânea e um pouco isoladas, sem tanta organização por trás das ações, se mobilizando a partir da indignação popular. Foi a partir dos anos 30 que começaram a se consolidar os partidos e organizações populares que articularam as lutas dos setores de trabalhadores contra a classe dominante e que se desenvolveu um movimento mais coeso. A atuação de Haya de La Torre e de Mariátegui foi fundamental nesse sentido, mesmo que os dois tenham percepções diferentes, ambos contribuíram para a formação política do proletariado e do campesinato. (COTLER, 2006, p.166-167) Nessa época, o processo de expulsão dos trabalhadores, *yanacónas* e arrendatários de suas terras foi também o que impulsionou a organização e sindicalização das lutas sociais do campo ao se concentrarem na Federação e Confederação de Camponeses do Peru.

Mesmo em diferentes épocas e diferentes governos, sendo os presidentes militares ou civis, podemos notar que as demandas populares são históricas e permanecem mesmo depois de décadas e até mesmo séculos, as contradições são cada vez mais fortalecidas pelo capitalismo imperialista

2.3 A TERRA E A REFORMA AGRÁRIA EM LA CONVENCION, PERU

Como já mencionado anteriormente, La Convención é uma província situada dentro do departamento de Cusco, que fica na região serrana do Peru, em 1960 a estimativa da população era em torno de 60 mil habitantes, comportava 174 fazendas e quatro comunidades indígenas. (HOBSBAWM, 2017, p.209) O campesinato tinha muitas divisões internas entre trabalhadores, *arrendires*, *allegados*,⁷ mas suas contradições em comum contra o latifúndio

⁷ Parte das terras funciona sob uma rede de relações, os arrendatários recebem faixa de terra dos fazendeiros e precisam contratar trabalhadores que são os *allegados*, que também podem contratar outros trabalhadores.

eram cada vez mais fortalecidas ocasionando uma tendência a conciliação e unidade. As condições de trabalho nas fazendas eram precárias, inúmeras violências eram cometidas como abuso sexual contra as camponesas, jornada de trabalho de 12 horas e castigos físicos. (RIBEIRO, 2006, p.35)

A mobilização em La Convención começou nos anos 50 e se estendeu até 1964, mas foi em 1962 o ano que estourou as principais greves e ocupações de terra, o movimento foi intensificado pelo golpe da Junta militar nesse mesmo ano. As fazendas já não conseguiam dar conta do excedente populacional, a expulsão de terras obrigava os camponeses a se submeterem ao trabalho no latifúndio ou a irem para a Costa, teve uma crescente na migração de camponeses e foi através desse fluxo migratório, do desenvolvimento do mercado interno e dos meios de comunicação, assim como a aproximação do campo com a cidade que as experiências políticas amadureceram, muitos militantes de esquerda foram para a Serra contribuindo também para esse intercâmbio de conhecimentos que foi importante para construir um forte movimento popular. (SOARES, 2000, p.29)

Uma das lideranças mais emblemáticas desse movimento foi Hugo Blanco, que de 1958 a 1963 se dedicou às atividades revolucionárias em Cusco apenas sendo interrompido por sua prisão. Blanco nasceu em Paruro, localizado também em Cusco, é filho de advogado e teve contato desde cedo com as injustiças dos tribunais ao julgarem sempre em favor dos latifundiários, ser parte de uma família miscigenada o fez manter suas ligações com sua ancestralidade hispânica e principalmente a quéchua, essa que foi muito importante para seu engajamento nas questões indígenas e para sua radicalização política. (BLANCO; Prólogo. In CAMEJO, 1979, p.XI) Sua trajetória política foi introduzida por seus irmãos que faziam parte da APRA, quando Blanco foi estudar agronomia na Argentina também militou no partido aprista do país, mas rompeu com o mesmo quando Haya de La Torre abandonou seus propósitos revolucionários para se aproximar mais de outros partidos reformistas e fazer alianças políticas. Esse momento foi importante para sua aproximação com o trotskismo, visto que já tinha discordâncias com os posicionamentos do Partido Comunista tanto do Peru quanto da Argentina e se filiou ao *Partido Obrero Revolucionário* (POR), de orientação trotskista. Em 1955 com o golpe contra Perón, Hugo retorna ao Peru e se estabelece em um curto período em Lima antes de voltar para Cusco, lá percebe que a repressão está cada vez maior e ao ser preso conhece o advogado Andrés González que veio a liderar também as ações em La Convención. (BLANCO; Prólogo. In CAMEJO, 1979, p.XI)

A instalação do Partido Comunista na região de Cusco durante os anos 30 foi de muita importância para o auxílio das comunidades cusquenhas e posteriormente para as questões

organizacionais, ali encontraram terreno fértil para o trabalho de base e engajamento da população na luta política. O Peru tem um proletariado pequeno devido ao pouco desenvolvimento industrial no país, a compreensão dessa realidade fez Blanco reconhecer que o campo seria o local mais propício para a agitação popular e para o trabalho revolucionário, a partir dessas necessidades locais foram sendo criados vários sindicatos na região. De início houve mais tentativas de mediação com os fazendeiros tentando diminuir as condições abusivas de trabalho até que chegou em um ponto onde não havia mais conciliação, que foi quando deram a ordem de expulsão dos trabalhadores de suas terras, a orientação da Federação de La Convención era a resistência pela terra. (RIBEIRO, 2006, p.36)

Em 1962 deflagrada a principal greve, conseguiram manter durante nove meses as ocupações de terras, os latifundiários ameaçaram com armas e logo foi necessário organizar a autodefesa dos camponeses, nesse processo foi-se colocando em prática a reforma agrária enquanto a reação reprimia as manifestações populares, essa estratégia de ocupação de terra e do plantio para o próprio sustento são características muito marcantes das greves camponesas, são fatores que diferenciam da prática nos centros urbanos. As greves urbanas geralmente se dão a partir de sindicatos para questionar e negociar as leis trabalhistas, as greves camponesas em La Convención se organizaram de forma semelhante, visto que a atividade sindical cresceu bastante no vale, no entanto a duração e os objetivos são diferentes, que são a reforma agrária e o fim da exploração da mão de obra, dos castigos físicos, as leis trabalhistas são muito mais frágeis no que diz respeito aos trabalhadores rurais. Na greve urbana inevitavelmente os trabalhadores ainda tem que comer, precisam do dinheiro para se sustentar e isso acaba limitando suas ações e o tempo de greve caso parem de receber o salário em retaliação, eles têm uma dependência maior com o patrão do que os trabalhadores do campo.

No caso dos camponeses eles produzem a própria comida e praticamente não recebem salário, então a paralisação do cultivo afeta apenas o *haciendado*, os camponeses aproveitam para produzir para si mesmos, alguns relatos afirmam que houve greve que durou mais de um ano. (MURRI, p.109-110) Os campesinos também organizavam paralisações diferentes do meio urbano, segundo Blanco (1979) o território ficava sob controle dos camponeses e eram interrompidos o trânsito, as atividades industriais e comerciais e também eram utilizados piquetes. As atividades de cultivo ficam suspensas por um período curto de tempo, a duração é mais breve que uma greve, e esse tempo é utilizado para que os camponeses possam ir para outras regiões da província e participar das outras ações políticas planejadas. (BLANCO, p.39)

O Estado e a mídia viram as ações de autodefesa em La Convención como tentativas de organização de guerrilha, não tardaram a difamar os camponeses e os taxarem como

terroristas, Hugo Blanco foi alvejado e taxado de líder guerrilheiro pelos jornais da capital⁸ - como veremos com mais profundidade no próximo capítulo também no jornal brasileiro - essa visibilidade negativa e o receio da repressão excessiva pressionou as dissidências internas dentro do movimento entre os favoráveis a ações mais moderadas, que eram também a favor da expulsão de Blanco e os contrários a expulsão, que endossavam medidas mais duras. A radicalização das greves passava pelas táticas de ocupação de terra, sabotagem e autodefesa armada, mas não necessariamente existia um plano que visava uma revolução armada através da guerrilha, o próprio Blanco reconhece que o Peru ainda não estava preparado e não tinha condições materiais e políticas para entrar em um processo revolucionário, além disso, essa radicalização acontecia independente das ações e posicionamentos de Blanco e do MIR⁹, visto que também aconteceram em regiões onde não tinham suas influências. (HOBSBAWM, 2017, p.216-217)

Esse momento foi o mais importante, os camponeses chegaram a ocupar 70 das 140 fazendas colocando o governo contra a parede não deixando escolhas com relação à reforma agrária, consagrando o movimento como vencedor, o procedimento seguido foi de neutralizar as forças armadas de Blanco que já estavam mais isoladas e evitar ações que pudessem incendiar de novo a oposição. Segundo Hobsbawm, “o ministro da Agricultura encontrou-se com representantes de 45 sindicatos em Quillabamba e, em 5 de abril [1963], foi publicado um plano para expropriar 23 propriedades em La Convención, tendo 14 mil camponeses como seus beneficiários.” (HOBSBAWM, 2017, p.219) Esse processo de reforma passou pela Junta Militar e pelo governo de Belaúnde Terry, o qual teve dificuldades em aprovar plenamente a reforma agrária no congresso por conta da oposição da APRA e dos *odriístas*¹⁰. Camponeses não sindicalizados foram tratados como prioridade, além de manterem muitos dos líderes camponeses ainda presos, esses fatores fizeram com que a o sentimento de indignação continuasse e levasse a outra greve geral acompanhada de outros locais do país que também não estavam contentes com a gestão de Terry e com a política no geral, foi acentuada a crise no país. (HOBSBAWM, 2017, p.219)

2.4 A CONTRANARRATIVA POPULAR E SUAS CONTRIBUIÇÕES

⁸ “dos órganos de prensa peruanos que dieron mayor espacio a este acontecimiento fueron "La Prensa", que persistentemente presentó el movimiento laboral como una rebelión comunista dirigida por Hugo Blanco [...]” (CRAIG, 1968, p.29)

⁹ MIR é a sigla para *Movimiento de la Izquierda Revolucionaria*, uma organização combativa que nasceu de um racha do partido Aliança Popular Revolucionária Americana (APRA).

¹⁰ Simpatizantes do General Manuel Odría, ex-presidente do Peru (1948-1956), partidários do partido Unión Nacional Odríista (UNO), partido conservador que defende o autoritarismo e o nacionalismo.

“Deve-se entender que durante séculos os opressores do campesinato fizeram o campesinato ver o papel como um deus. O papel se converteu em um fetiche.”¹¹ (BLANCO, 1979, p.90)

Quando pensamos em produção de conhecimento e informação geralmente o que enxergamos é a escrita, um compilado de palavras escritas seja em formato de livro, jornal, revista ou documentos. A fonte escrita carrega uma legitimidade por conta da sua materialidade, enquanto fontes orais são tratadas com desconfiança por sua subjetividade, ignorando que a própria escrita também é formada por subjetividade tanto de quem escreve quanto de quem lê e interpreta. A subjetividade é também o que pode informar historiadores acerca de períodos e eventos históricos, por mais que isso já tenha sido considerado como desvantagem, pode ser também o ponto forte de uma fonte. (SANTHIAGO, 2008, p.37-38)

A memória é uma categoria que faz parte da história e dos registros escritos, os quais são apenas uma das várias formas de preservar a memória, aquilo que se deseja ser lembrado e perpetuado, faz parte de uma identidade e o controle de uma memória coletiva é muitas vezes essencial para propositalmente seguir apagando memórias de resistência e dar continuidade à memórias que sirvam à nação, no caso a menor parte da nação que é composta pelas elites, é um mecanismo de dominação que utiliza a política do esquecimento ao seu favor. (LE GOFF, 1990, p.427)

A grande imprensa, os juízes, as autoridades escrevem papéis que tendem a condenar a população mais marginalizada, os papéis não agem em sua defesa por mais justas que sejam as demandas e indignações populares, o que Hugo Blanco diz é para se apropriarem desses papéis e fazer com que eles de fato contem a história do povo, é tomar para si mesmos a responsabilidade de construir essa narrativa contra hegemônica. É através disso que se pode ter a possibilidade de fazerem denúncias, preservarem as memórias de dentro do movimento camponês, circular informações que muitas vezes não chegam. Não necessariamente esse material informativo precisa ser em formatos de periódico tradicional, Blanco mesmo ressalta a possibilidade de fazerem cartazes, assim como fizeram na Revolução Russa, para facilitar o acesso a esse conteúdo aos não alfabetizados. Embora seja importante ressaltar que a própria disseminação de uma mídia escrita, até mesmo se utilizando de outras línguas como o quéchuá, também pode acarretar em um aumento da alfabetização, então é vantajoso que se utilize esses diferentes formatos também como método educativo e que vai além da propaganda.

¹¹ No texto original: Hay que comprender que durante siglos los opresores del campesinato le han hecho ver el papel como un dios. El papel se ha convertido en un fetiche.

A partir do momento que o jornalismo não cumpre com sua função social e passa a servir apenas como aporte e reprodução de desigualdades, fica explícita a necessidade de meios de comunicação alternativos onde se pode expor demandas, denúncias e poder se colocar nos noticiários de forma menos pejorativa, mudar a imagem e ter uma auto representação conforme suas próprias definições. Os autores Segabinazzi e Mazzarino afirmam em seu artigo que “pode-se traçar um paralelo entre os movimentos sociais e as narrativas contra hegemônicas: ambos advêm de uma busca por reconhecimento” (SEGABINAZZI; MAZZARINO, 2019, p.126), a construção de uma contra narrativa de forma a se opor à narrativa tradicional é um modo de instrumentalizar o ressentimento e combater os constantes apagamentos dos movimentos sociais.

3. A IMPRENSA NO PERU E NO BRASIL

Os periódicos jornalísticos tiveram grande importância no decorrer da história, tanto como participante mais ativo quanto como espectador, noticiador e comunicador. As imprensas de jornais latino americanas tiveram seus precursores a partir de boletins que informavam notícias internas e as externas que chegavam por meio dos correios das metrópoles. Com o passar do tempo as funções da mídia impressa vão se complexificando e renovando suas dinâmicas a partir das condições materiais e relações sociais que também vão se modificando.

3.1 A IMPRENSA PERUANA

O começo da imprensa no Peru aconteceu mais rápido que em outros lugares do continente, o jornal mais antigo da América Latina é o *Gaceta de Lima* de 1715, apesar de ser um pouco controverso visto que muitos não o consideram esse o primeiro periódico por conta da irregularidade na periodicidade da publicação de edições devido a poucos recursos. O Peru ainda era Vice-Reinado e a publicação de notícias tinha que ter o aval de vários agentes importantes por carregar um status de oficialidade e Lima era um dos centros fundamentais da colônia. O primeiro diário regular do Peru foi o *Diario de Lima*, criado em 1 de Outubro de 1790 fundado por Jaime Bausate y Mesa, essa data ficou marcada e a partir de 1953 a Federação Peruana de Periodistas aprovou esse dia como data comemorativa em homenagem à profissão. Logo em seguida veio o *El Mercurio peruano* em 1791 muito lembrado por ser precursor dos pensamentos em defesa pela independência. (MICHILLOT, 1997, p.26-28) No século XIX o desenvolvimento tecnológico auxiliou em uma difusão maior da imprensa, a circulação de exemplares e edições e a qualidade do próprio jornal também aumentou. Isso se torna benéfico para o campo político que tem a oportunidade de utilizar esse espaço para se promover no debate público. É isso que acontece com o *La Prensa* que se tornou plataforma da burguesia exportadora querendo propagar suas ideias principalmente nas camadas médias da sociedade peruana. (COTLER, 2006, p.2006)

Um dos métodos utilizados para consolidar Odría (1948-1956) nas eleições foi a imprensa, principalmente o veículo *La Prensa*, que foi um dos maiores jornais do Peru e deixou às claras seu posicionamento *odriista*. O crescimento de pessoas formadas no ensino primário e universitário, esse crescimento na democratização do ensino, foi o que auxiliou a ter um maior número de publicações em circulação nas províncias e um maior consumo, visto que as taxas de alfabetização aumentaram. A *Ley de Seguridad Interior de la Republica* foi utilizada para

controlar os veículos de notícias para que não emitissem opiniões contrárias ao governo, foi uma forma de também ter controle social e evitar mobilizações por parte das oposições, com isso quem sofre mais são os jornais que já tinham posicionamentos estabelecidos contra Odría como por exemplo *La Tribuna* que passou a operar de forma cautelosa e clandestina.

Muitos jornais sofreram com essa censura, alguns receberam multas, outros as sedes foram fechadas e tiveram integrantes da equipe presos. (NASCIMENTO, 2010, p.241) Com essas ações contundentes contra a imprensa há uma mudança de posicionamento com o decorrer do mandato, o *La Prensa* passando de apoiador do regime para a oposição, pautando a volta do estado de direito, bem como *El Comercio* e outros, em 1955 Odría convocou uma reunião para discutir a redemocratização e os setores da imprensa foram convidados e marcaram presença para pressionar a volta das eleições e com isso derrubar também a censura do governo, tiveram papel ativo nesse processo utilizando a influência da imprensa para colocar pressão. (Ibid, p.242)

Com as mudanças e renovações no cenário político, o jornalismo reavalia suas dinâmicas e posicionamentos agora que a liberdade de expressão não é mais restringida, alguns jornais como o *La Tribuna* assumem uma postura mais neutra para conquistar um maior público leitor, enquanto o *La Prensa* tem uma continuidade na defesa do liberalismo e o *El Comercio* representando os interesses da burguesia e economia nacionais e o apoio a um Estado forte e autoritário. Uma coisa comum, nos principais jornais, era o anticomunismo e um anti aprismo, a APRA representava também uma ameaça à hegemonia e era considerado muito radical para deixar chegar no poder, única situação possível foi nos acordos de convivência em que a APRA ganhou alguns cargos em troca de apoio político à Manuel Prado, no entanto um presidente aprista representava perigo, entrar em acordo de convivência era um meio de manter o partido aprista sob controle à margem do processo de eleição. (Ibid, p.245)

As disputas eleitorais em 1962 acarretaram em momentos de embate entre os maiores concorrentes do jornalismo peruano, *La Tribuna* e *El Comercio*, que ocuparam lugares opostos no posicionamento político e utilizaram de sua influência para inflamar o debate eleitoral. (Ibid, p.247) O *El Comercio*, nacionalista e autoritário, se colocava contra as forças apristas e alegava proximidade com o comunismo para desmoralizar o partido, já o *La Tribuna* quis afastar a imagem da APRA dos comunistas produzindo notícias sobre as disputas de representação estudantis em que a APRA era adversário dos comunistas, afirmava que votar a favor de Haya de La Torre era ser contra o comunismo, o que de certa forma era a visão mais correta visto que a APRA se afastou muito dos pensamentos marxistas que tinham mais no início, esse abandono de certos ideais ficaram bem evidentes com as aproximações e acordos políticos com

outros partidos na tentativa de ser um partido menos radical, mais propício para as eleições e para ganhar mais apoio popular, mesmo isso significando a perda de quadros importantes do partido. (Ibid, p.248-249)

Esse cabo de guerra no campo do jornalismo ficou ainda mais acirrado quando o *El Comercio* acusou o processo eleitoral de ser fraudulento e endossar um posicionamento a favor da intervenção das Forças Armadas, enquanto o *La Prensa* e *La Tribuna* desmentiam essas acusações, esse último com uma postura bem firme culpando o jornal de incitar ódio e ser contra a nação. A polarização acabou saindo do campo das ideias e logo se tinha notícias de ataques e enfrentamentos físicos entre os militantes de cada partido, as manchetes de cada um valorizando sempre mais os atos violentos do lado oposto. (Ibid, p.250) As inúmeras denúncias por parte do *El Comercio* alegando fraude continuaram colocando pressão até que as Forças Armadas decidiram fazer parte da fiscalização, ainda assim não cessaram as publicações caluniosas principalmente focadas no *La Tribuna* e no *La Prensa*, este último sendo chamado de imprensa oficialista do governo. Essa insistência na corrupção e falha das instituições políticas levou a publicações que consideravam o golpe militar como uma solução, os opositores se manifestaram diante desse grave cenário repudiando as ideias golpistas. Esses três jornais de certa forma foram os protagonistas dessa situação por serem de grande porte, influência, tem renome e recursos para intervir nessas questões, mas outros jornais também se posicionavam de acordo com seus interesses. (Ibid, p.252)

Depois do golpe militar - em 18 de julho após as eleições de 1962 - a sede do *La Tribuna* sofreu ataques e teve que se restabelecer, apesar da AP não ter sido eleita, o *El Comercio* conseguiu atingir seus objetivos depois da insistência das denúncias de fraude que pediam a interferência das Forças Armadas. O jornalismo, a mídia acaba sendo um dos palcos mais importantes no cenário político porque é o que conecta o público com as informações e discussões sobre o que está acontecendo, é um formador de opiniões que influencia desde indivíduos até setores de alto escalão com poder político.

Os eventos em La Convención foram projetados na mídia por conta de alguns fatores, a Confederação local e nacional de camponeses estar em contato faz com que tenha uma repercussão nacional, a revolta ser feita majoritariamente por camponeses chama atenção e ainda em um local onde está situado ruínas das antigas civilizações incas, a imprensa descobre esse lado do Peru que era escondido, não visto. Os jornais passaram a retratar mais o Peru campesino, rural, serrano que ficava à margem, no entanto a cobertura das notícias não necessariamente era positiva justamente por se tratar de um movimento social camponês, indígena e anti-latifundiário. (MURRI, p.111-119)

Um dos jornais que tratava da defesa dos camponeses era o *Unidad*, que é o periódico do Partido Comunista do Peru, e nele se faziam análises sobre a realidade peruana, denúncias acerca dos crimes que eram cometidos nas propriedades rurais e eram negligenciadas pela lei. O *Unidad* servia como um espaço em que os sindicatos, confederações e outras organizações camponesas tinham para fazer suas publicações e fazer circular as notícias e suas perspectivas para outras pessoas. É importante ressaltar que o jornal cobria matérias de diversas áreas do Peru, indo desde a costa norte peruana até a serra ao sul. Em uma das edições o *Unidad* escreveu também sobre La Convención, um dos trechos diz:

foi suficiente que os camponeses adotem as formas mais simples da organização sindical para defender-se da escravidão dos fazendeiros, para que apareça forte o sindicalismo agrário e sua consciência de classe (...) nem a presença das tropas policiais fará retroceder aos camponeses da Convención, a Reforma Agrária começou e continuará avançando, com leis ou sem leis, os camponeses estão suportados na sua terra e sua liberdade (UNIDAD, 1962, nº54, p.2) (MALPARTIDA, p.11)

Mesmo não sendo um jornal tradicional de grande imprensa que tem uma maior divulgação e circulação, o *Unidad* desempenha um papel importante de apoio aos movimentos populares e de registro também, os artigos deste jornal e de um jornal como o La Prensa por exemplo vão ter coberturas totalmente diferentes e cada uma expressa as materialidades e subjetividades de classe. Justamente por ter uma postura de defesa dos movimentos sociais que diversos jornalistas do *Unidad* sofreram perseguições, o que demonstra como o trabalho desse periódico era visto como um perigo por parte do Estado. (MALPARTIDA, p.12)

3.2 A IMPRENSA BRASILEIRA

A história da imprensa no Brasil toma formas mais concretas apenas no século XIX quando é criado o primeiro jornal do Império - antes disso circulavam as gazetas e boletins estrangeiros trazidos nos portos - e desde então vai se tornando cada vez mais um mercado e se desenvolvendo a partir das questões políticas, econômicas e sociais do Brasil, é a partir da chegada da Corte portuguesa que são instaladas as máquinas tipográficas e é fundado o primeiro jornal brasileiro. (SODRÉ, 1977, p.12-16) Só essa parte daria um trabalho inteiro só focado nessa questão, portanto o foco será em alguns momentos históricos que influenciaram os rumos da imprensa brasileira ou que foram influenciados pela participação ativa dos jornais na política.

No Brasil a mídia impressa demorou a se desenvolver comparado a outros países da América Latina, assim como a criação de universidades brasileiras também foram mais tardias, porque os portugueses não colocaram como prioridade naquele momento a difusão da própria cultura através desses meios e instituições. O oficialismo e a censura foram alguns dos fatores que ajudaram a prorrogar a criação de uma imprensa própria, maior parte dos documentos e informações eram emitidas pelas autoridades, as máquinas tipográficas eram proibidas pela Coroa, mas existiam outras formas de comunicação oral e escrita que faziam esse papel cultural de circulação. (LUCA; MARTINS, 2006, p.24)

No começo a produção de periódicos era mais artesanal, poderia ser feita por poucos trabalhadores, com a mecanização e industrialização isso foi modificado e os jornais menores que continuaram com a produção tradicional foram sendo deixados para trás em questão de alcance e verbas. Essa modernização das relações de produção dentro desse mercado veio com essa aceleração do capitalismo e demandas mais urgentes de comunicação, novas máquinas e tecnologias são utilizadas para impressão e novas estratégias para atingir cada vez mais leitores, o ritmo se torna mais rápido. (Ibid, p.171) Outro processo importante na predominância dos grandes jornais e empresas no ramo dentro desse mercado é que se torna mais difícil criar novos jornais do zero e construir uma imprensa independente, as grandes empresas jornalísticas estão concentradas em grandes famílias e vão sendo herdadas hereditariamente ou compradas por outras empresas maiores. (SODRÉ, 1977, p.448)

A consolidação da grande imprensa e seu sucesso não exclui o papel da pequena imprensa ou do que podemos chamar de imprensa proletária, mesmo com recursos limitados consegue sobreviver e fazer seu papel de contestar a opinião pública da mídia empresarial que defende o status quo e contribuir em um processo que visava informar seu público, almejando principalmente o proletariado. Esses periódicos utilizam suas páginas para além das notícias, o conteúdo é bastante eclético trazendo política, arte, cultura para a formação de seus leitores, o caráter das publicações é abertamente panfletário, mas vai além disso também, não é apenas política por si só. Justamente por ser contra a hegemonia, esses jornais são importantes na história da imprensa brasileira, merecem destaque para compreender como sua prática está ligada a política e ao objetivo de construir uma consciência social junto das massas. A formação de entidades sindicais, o sindicalismo e as entidades de organização de trabalhadores também foram bases para que se pudesse desenvolver jornais operários para discutir política e defender os direitos de cada setor.

A situação durante o século XX aqui teve algumas similaridades com Peru, a mídia brasileira também passou por regimes autoritários que controlavam a imprensa. A Aliança

Liberal e o movimento de 30¹² receberam apoio de muitos jornais de peso como *Correio da Manhã*, *O Globo*, *O Estado de S. Paulo*. Muitos jornais contrários ao movimento de 30 foram alvo de indignação popular, alguns chegaram a fechar, outros não conseguiram se recuperar depois, isso abriu espaço para novos jornais, principalmente no campo da oposição, *O Diário Carioca* é um desses exemplos. (SODRÉ, 1977, p.434) Os noticiários que eram favoráveis a Aliança e a Vargas não tardam muito a mudar de posicionamento, no período do governo provisório tiveram momentos muito delicados para toda a mídia brasileira que se encontrava suprimida e sem autonomia.

Durante o governo constitucional de Vargas teve uma intensificação da polarização política entre integralistas e comunistas, eram comuns embates físicos e violentos em praças públicas e esses conflitos fizeram com que Vargas aprovasse uma lei de segurança nacional para garantir o bem estar e a ordem pública, a Intentona Comunista e o plano Cohen foram situações utilizadas desonestamente para criar um inimigo interno e fortalecer o governo, em consequência disso a propaganda anticomunista cresceu muito também na imprensa que ajudou a instaurar um clima de pânico e vigilância. (MOTTA, 2000, p.229)

Os jornais na medida que o país vai se industrializando se tornam cada vez mais um painel de destaque para publicidade, as grandes empresas colocam mais páginas e mais espaços para patrocinadores, marcas e esses periódicos vão adquirindo um caráter comercial que está ligado também a totalidade do conteúdo produzido. Antes da modernização do mercado editorial, os modelos de jornais eram muito parecidos, padronizados, mas com a inovação da produção isso foi sendo modificado também e a estética começou a ser um dos pontos importantes a serem pensados, o apelo da aparência e o destaque entre outros jornais concorrentes são coisas que fazem ganhar um maior público leitor. É através do uso de cores, ilustrações e repensando o modelo editorial tendo em vista as demandas do consumidor que os periódicos crescem, o modelo de público assinante passa a ser utilizado e também ajuda a garantir recursos, a estratégia da publicidade agrada os anunciantes que tem espaço para vender a mercadoria e ao jornal que é pago para fazer propaganda. A publicidade, a estética, os anúncios e patrocinadores refletem um setor que estava cada vez mais empresarial, se modernizando e voltado ao mercado, a imprensa empresarial possui bastante influência na construção e reprodução do consumismo e estilos de vida espelhados no capitalismo norte americano e em algumas tendências europeias. (LUCCA; MARTINS, 2006, p.121)

¹² A Aliança Liberal foi uma união política entre Minas Gerais e Rio Grande do Sul para lançar o candidato Getúlio Vargas (RS) e o movimento de 30 acarretou na deposição do presidente e o fim da república oligárquica.

Um dos nomes responsáveis pelas mudanças no setor editorial e midiático foi o empresário Assis Chateaubriand, que por ligações políticas conseguiu comprar jornais já renomados e reformar para um modelo mais apelativo e atualizado que fez sucesso e foi construindo um conglomerado de jornais e outras plataformas midiáticas controlando boa parte do jornalismo e entretenimento do país, se consolidou como um personagem importante nesse meio mesmo com as polêmicas que se envolvia. O empresário tinha aproximações com Getúlio Vargas e outros políticos que lhe concediam favores, além disso seu monopólio foi formado também através de intrigas e mentiras a respeito de outros empresários, Chateaubriand trabalhava em prol dos seus interesses e seus ideais ligados ao capital estrangeiro. (Ibid, p.121) (Ibid, p.208)

No início dos anos 60 a renúncia de Jânio Quadros e a sucessão do até então vice, João Goulart, como presidente da república deixaram os conservadores em alerta, os jornais que já haviam começado as críticas contra sua posse, apenas intensificaram os ataques e usavam ainda mais do anticomunismo para minar o apoio à Jango e incitar o descontentamento popular. Em clima de Guerra Fria o mundo, em partes, polarizado e a influência dos Estados Unidos no Brasil era grande, políticos internos e externos assim como outros setores temiam uma revolução dentro do país e ter um presidente alinhado com as pautas trabalhistas e apoiado pela esquerda, ainda mais pelo PCB, foram motivos de preocupação. Goulart deu continuidade na política externa independente tentando estabelecer outros laços para sair da dependência da economia estadunidense, isso significava negociar com países neutros e do bloco socialista, o que causou repúdio por parte da grande imprensa de jornais como O Globo e O Estado de S. Paulo deram força para a reação conservadora, alguns jornais como o Jornal do Brasil e o Correio da Manhã aprovaram as medidas diplomáticas. Esses descontentamentos tomaram forma física através de eventos organizados por associações declaradamente anticomunistas como a Liga Feminina Anticomunista. (MOTTA, 2000, p.91-92)

O posicionamento do governo de ir contra a expulsão de Cuba da Organização dos Estados Americanos foi outro tópico polêmico, mesmo não querendo se comprometer com os Estados Unidos, também não queria ceder a pressões externas e isso ocasionou em pressões internas dos grupos conservadores, dos jornais que tinham medo das influências comunistas dentro do governo de Jango e no receio que isso afetasse as relações diplomáticas do país. (Ibid, p.91-92) O imaginário anticomunista vai sendo alimentado a partir do uso de acontecimentos passados, como a “Intentona Comunista”, que reforça o sentimento de desconfiança com o comunismo e o governo, isso foi muito recorrente nas narrativas dos jornais que estavam empenhados em desgastar a imagem de Jango. (Ibid, p.302) A frente da imprensa foi uma das

mais mobilizadas em prol desse objetivo de acabar com “a ameaça comunista” que supostamente pairava o Brasil, eram recorrentes as publicações de matérias que reforçavam uma oposição entre o comunismo e a democracia, a liberdade, o noticiário político era repleto dessas estratégias narrativas para convencer o leitor a acreditar que os comunistas eram perigosos e estavam dentro da política brasileira, foram feitos muitos panfletos e materiais próprios para difamar o comunismo. (Ibid, p.307)

O crescimento do anticomunismo nessa época, principalmente nos periódicos, também se deu através do desenvolvimento dos movimentos sociais do campo, as Ligas Camponesas (1954-1969)¹³ causaram grande impacto ao trazer a discussão da reforma agrária e propor meios combativos de luta, que eram reprovados pelos setores conservadores. O ponto de partida foi a disputa das terras do Engenho Galiléia em Pernambuco, houve muitas tensões envolvidas entre os fazendeiros e os camponeses da região por conta da exploração e expulsão dos trabalhadores da terra. (MOTTA; ESTEVES, 2009, p.244) Essa disputa foi levada para o âmbito legal e o Engenho Galileia acabou sendo desapropriado por meios constitucionais, a notícia correu todo o país nos principais meios de comunicação e causou um pânico nas elites pelo medo desse evento servir de exemplo para outras regiões e as expropriações se tornassem frequentes. (MOTTA; ESTEVES, 2009, p.249)

Segundo Motta e Esteves (2009), o jornal Folha de São Paulo fez uma matéria chamada "Demagogia e extremismo?" em 18 de fevereiro de 1960, esse e outros periódicos se empenharam em confundir os leitores não explicando de forma clara como funciona a expropriação e os meios legais que levaram a ela, os jornais se utilizaram muito de conceitos mais agressivos denominando os camponeses de invasores de propriedade, tentando assustar também os cidadãos urbanos quando diz que “o movimento ganhará novas proporções, atingindo as classes proletárias das cidades, com invasão de oficinas, com o apossamento violento de fábricas, com assaltos a casas de residências” (RANGEL, 2000, p.71), uma clara estratégia de tentar criminalizar os movimentos sociais legítimos do campo. Em 1963 havia ligas camponesas em 18 unidades federativas do país, houve uma expansão decorrente a essa atuação ativa e que se mostrou frutífera, para a infelicidade dos setores reacionários. (MOTTA; ESTEVES, 2009, p.248)

¹³ As ligas camponesas são formas de organização política no campo que surgiram inicialmente como organismos de base do PCB no campo para fomentar a aliança operário-camponesa e fortalecer o contato entre meio urbano e rural. Posteriormente, nos anos 50, as ligas foram retomadas em Pernambuco, e a partir dali foi se formando esse movimento que tornou as Ligas Camponesas mais conhecidas e que atuaram entre 1954-1969.

João Goulart ter assumido o posto da presidência deu esperanças aos setores progressistas, apesar da postura conciliadora no início Jango assumiu a defesa das reformas de base, em 1962 criou o Conselho Nacional de Reforma Agrária e as massas pressionavam para que fossem realizadas as reformas. No outro lado, os discursos reacionários incitavam um conflito ideológico que fez com que surgissem mais milícias armadas no campo para combater as forças da oposição. A imprensa como parte disso também noticiou mais casos de supostas invasões de terra e propriedade para justificar e incentivar as agressões contra os camponeses, o historiador Rodrigo Patto Sá Motta cita em seu trabalho algumas das manchetes que foram utilizadas: “‘Invasões de terras levam a intranquilidade a Sergipe’; ‘Camponeses de Goiás ameaçam invasões com o apoio do CGT’; ‘Invasões de lavradores e reação de fazendeiros mantêm a tensão no campo’” (MOTTA, 2000, p.322). Toda essa tensão política, ideológica e midiática a respeito do contexto nacional e com relação a situação do campo no Brasil também foram fatores que impactaram no discurso anticomunista e em como a imprensa enxerga os camponeses e seus movimentos políticos de forma geral.

Nos anos finais do mandato de Jango a situação política estava cada vez mais fragilizada, a proximidade do presidente com Brizola, que era considerado mais radical, era um incômodo para os opositores e a guinada à esquerda assumindo as reformas de base foram pontos chave para a direita mais comedida se juntar a direita mais radical e a partir desses receios e desconfianças foi lançada uma ofensiva dos principais meios de comunicação do país - Jornal do Brasil, Diários Associados e grupos Globo - que afirmavam agir pela democracia e pelo bem da nação, essa rede jornalística foi responsável por intensificar os ataques anti comunistas ao governo. Um dos pilares da queda de João Goulart e do golpe militar de 1964 foi a grande imprensa, um dos setores mais interessados economicamente e ideologicamente nessa intervenção política e que deu apoio ao regime noticiando esse acontecimento como a salvação do país. (Ibid, p.317-318)

4. O DISCURSO DA IMPRENSA

A historiografia até o século XX percorreu caminhos longos antes de conseguir perceber diferentes tipos de fontes históricas que fugissem do tradicional, que estava ligado geralmente a documentos oficiais. Esse modo de enxergar a ciência histórica era pautado por uma noção de ciência que era positivista, o uso da história para descobrir a verdade, os métodos científicos dentro da história deveriam ser pensados para atingir a verdade e as fontes seguiam essa mesma lógica. É por esse motivo que a fonte da imprensa escrita por muito tempo foi descredibilizada dentro do meio historiográfico, tinha apenas relevância em pensar uma história da imprensa, mas isso começa a se expandir para pensar a imprensa enquanto fonte quando há uma mudança na maneira de enxergar a história, suas metodologias, objetos e possíveis fontes, porque a ideia do historiador conseguir atingir a verdade por meio de uma fonte documental é questionada, a parcialidade passa a ser uma questão a ser discutida e analisada também. (LUCA; In: PINSKI, 2008)

O uso de periódicos como fonte histórica trouxe benefícios no campo da história, ampliando o número e as diferentes informações que podem ser extraídas do que for analisado. Ao trabalhar com a imprensa deve-se levar em conta quem escreve, o posicionamento do jornal, o contexto histórico e local, o público leitor, o número de vendas, porque tudo isso traz pontos relevantes para montar esse quebra-cabeça de compreender o que estava acontecendo em determinado período e como aquele periódico pode impactar a opinião pública. Junto com os jornais se tornou possível estudar outros aspectos da sociedade e compreender melhor o periódico como difusor de informação, além de interseccionar com outras áreas de conhecimento. (LEITE, 2015, p.10-11)

Apesar do encanto com essa fonte, deve-se levar em consideração suas limitações, os cuidados que se deve ter ao investigar especificamente esse documento e as coisas positivas que pode trazer ao estudo. Os jornais muitas vezes são utilizados não como fonte principal, mas como fonte auxiliar que serve apenas para reafirmar as informações da pesquisa ou da fonte principal, nesse caso levando o que foi noticiado como verdadeiro e considerando apenas como um registro, o que reduz a complexidade dessa fonte e ignora seus outros aspectos.

Ao analisar periódicos deve se ter em mente que os mesmos fazem parte de um contexto histórico e portanto dizem respeito a eventos históricos, não é possível isolar os

conteúdos da mídia e tratá-los como verdade universal, é preciso ter cuidado na hora de investigar e interpretar essas fontes para não cair em conclusões rasas e incompletas que não dizem respeito à realidade na qual elas foram produzidas, aqui não me refiro a realidade no sentido de querer extrair apenas fatos que realmente aconteceram, mas sim tratar os periódicos com sua própria historicidade e levar em conta a sua constituição de corpo editorial e seus interesses, perceber o que há por trás dos noticiários informativos, visto que a mídia impressa é resultado de um embate de ideias e reconhecendo a atuação seletiva da mesma que apenas informa o que ela deseja e do jeito que ela quer que o leitor veja. (LAPUENTE, 2015, p.3-4)

A fonte periódica possui um papel importante na história, assim como é também uma ferramenta da historiografia, ao analisar as matérias jornalísticas acerca das revoltas camponesas peruanas em um jornal brasileiro iremos perceber o grau de relevância que deram para esse acontecimento no Brasil e os elementos discursivos utilizados para noticiar esses eventos.

4.1 LA CONVENCION AOS OLHOS DO JORNAL DO BRASIL (1962-1963)

O periódico selecionado, *Jornal do Brasil*, tem um histórico interessante com relação ao cenário político. É necessário lembrar sua fundação em 1891, pós proclamação da república, mas que ainda assim o jornal deu continuidade nos seus propósitos e ideais monarquistas. Seus principais colaboradores eram Joaquim Nabuco, Aristides Spínola, Manuel de Oliveira Lima e Barão do Rio Branco, a sede do jornal ficava no Rio de Janeiro e desde o início era um exemplo de organização e inovação na produção. (MADUELL, 2015, p.32)

Em 1900 o periódico conseguiu chegar no patamar de maior número de tiragens por dia da América Latina, ultrapassando outros jornais grandes do continente. Outro momento em que o Jornal do Brasil se tornou destaque foi nos anos 60 com a mudança no design gráfico e outras modernizações na produção e no editorial, assim como a criação do Caderno B do JB, isso o diferenciou da concorrência e depois muitos seguiram seu exemplo, isso e o número de tiragens indicam que o jornal tem relevância e impacto significativos nacionalmente, além dos diversos depoimentos de jornalistas e escritores que afirmam a vanguarda do Jornal do Brasil em criar algo novo. A história desse impresso passou por muitas etapas diferentes, contendo as marcas do tempo e também marcando o tempo com sua influência

O JB passou por diferentes fases: começou como um jornal monarquista (1891-1893), tornou-se republicano de oposição (sob a direção de Rui Barbosa, em 1893), assumiu

um perfil popular (1894-1918), transformou-se em um boletim de anúncios (1918-1953), modernizou-se e consolidou-se como jornal de referência (1954-2001) (RIBEIRO; VIEIRA, 2018, p.273)

O caderno B reunia principalmente conteúdos culturais, foi de grande impacto na indústria jornalística, agradou ao público e posteriormente se transformou em uma importante ferramenta contra a censura do regime civil militar no Brasil. Esse caderno B reuniu diversos intelectuais na sua produção. Há alguns relatos sobre o funcionamento da produção do JB de pessoas que trabalhavam ali e participaram da reforma, como Ferreira Gullar¹⁴ que não era jornalista propriamente dito, mas poeta, e pôde contar que antes não havia uma redação estruturada, era um apanhado de classificados, anúncios e notícias recebidas, afirma que as práticas jornalísticas se tornaram mais profissionais depois da mudança. (RIBEIRO; VIEIRA, 2018, p.263)

As notícias de crimes não eram consideradas relevantes, mas passam a ser vistas como um forte chamativo e são colocadas em primeira página com manchetes que chamam atenção e instiga a curiosidade. A seleção dos assuntos que passam nas primeiras páginas passa por um processo de pensar o que o público mais quer ver, pensando no número de vendas, mas também o próprio jornal tem o poder de selecionar o tipo de conteúdo que mais vai ter destaque e aprofundamento condicionando a leitura do próprio público. A análise das edições do Jornal do Brasil entre 1962 e 1963 mostram como o assunto das manifestações camponesas na serra peruana vão recebendo mais destaque conforme passa o tempo e as ações vão se escalando, assim como diminuem o destaque a partir do momento que a situação vai se acalmando. A violência e o sensacionalismo são ferramentas usadas para atrair o público e vender notícias.

A primeira menção do movimento de La Convención que temos nas edições selecionadas do Jornal do Brasil é no ano de 1962 na edição de 21 de novembro, uma quarta-feira, o título que levava a capa era “EUA suspendem bloqueio, URSS tira bombardeios e a China cessa fogo” (Jornal do Brasil, 1962, n. 268, p.1) mostrando que estavam todos atentos aos acontecimentos centrais da guerra fria. As capas geralmente mostram o que há de mais polêmico e urgente no cenário nacional, ou então no cenário internacional que diga respeito aos países considerados potências na época como é o caso.

Nesse impresso as notícias sobre o Peru aparecem na página 7 em uma pequena nota no que parece ser a sessão de reportagens internacionais sobre o cenário continental e mundial,

¹⁴ Pseudônimo de José Ribamar Ferreira.

o título diz “Índios usam metralhadora em guerrilha”, (Jornal do Brasil, 1962, n. 268, p.7) os fatos expostos nessa manchete chamam atenção e causam curiosidade, o leitor só fica sabendo quais indígenas e onde ocorreu quando lê o corpo da notícia, nesse momento os jornalistas - não há identificação de autoria - não sentiram a necessidade em explicar os motivos que levaram os indígenas e líderes do movimento a estarem em uma guerrilha armada, apenas explicam de forma mais superficial que indígenas peruanos assaltaram um posto policial, estavam portando equipamentos de ponta e eram liderados pelos militantes “extremistas” Hugo Blanco e Pedro Camejo - esse último acusado de assaltar bancos e ser procurado pelas autoridades peruanas. (Jornal do Brasil, 1962, n. 268, p.7)

A falta de contexto e mais explicações leva a pensar que as ações são puramente criminosas, maldosas e devem ser combatidas porque os elementos colocados no texto são ligados à criminalidade, ilegalidade ao colocar, por exemplo, o histórico criminal de um dos supostos “líderes” de forma isolada do seu contexto, isso conectado ao resto das informações da notícia auxilia a dar um julgamento moral em cima dos fatos relatados.

Aproximadamente um mês depois dessa primeira nota, no dia 28 de dezembro de 1962, o Jornal do Brasil volta a noticiar sobre a revolta camponesa peruana e dessa vez com direito a ser manchete principal da página 7, já citada anteriormente como geralmente uma das partes que carrega as reportagens internacionais. O título diz no alto da página e em letras grandes “Em processo de agravamento a agitação do Peru”, (Jornal do Brasil, 1962, n. 299, p.7) a chamada dá impressão de urgência e certa importância, dessa vez a reportagem traz mais informações sobre o que está acontecendo com o país vizinho, no entanto ainda não se preocupa em ceder algumas linhas para dizer o porquê de aquilo estar acontecendo.

As novas informações são interessantes, o jornal logo fala da intensificação das ocorrências e que direitos constitucionais foram suspensos em algumas regiões do Peru, como Cusco, a justificativa do governo é “elementos interessados em transtornar a ordem pública vêm desenvolvendo um plano subversivo e cometendo atentados contra a vida e a propriedade”, (Jornal do Brasil, 1962, n. 299, p.7) mas que plano é esse? Não é falado na notícia, não há explicações sobre. O estado de sítio na região é justificado como método para combater os assaltos nas fazendas, foram notificados 5 camponeses mortos e foram presas cerca de 60 pessoas, o trabalho no departamento de Ica foi paralisado e as aulas da universidade de Trujillo foram suspensas. O cenário descrito é caótico, e de fato realmente era, mas não era apenas um caos pelo caos.

Uma das frases dessa notícia que traz alguns pontos a se pensar é quando são descritos os participantes dessas ações, o jornal diz “um ataque maciço às fazendas da região,

sistematicamente saqueadas pelos indígenas, instigados pelos guerrilheiros de Hugo Blanco”, (Jornal do Brasil, 1962, n. 299, p.7) por que há uma separação entre os indígenas e os guerrilheiros? Os indígenas fazem parte das ações políticas organizadas em Cusco, estão inteirados da situação e quem seriam esses guerrilheiros se não o próprio povo de La Convención? A agência de pessoas indígenas é colocada em questão nesse momento, a impressão que passa é que eles estão em uma posição de passividade sendo influenciados por outras pessoas a fazerem aquilo. Para chegar nisso existe todo um imaginário historicamente construído em torno do indígena como ingênuo, é uma imagem do “bom selvagem” que foi passada por meio do ensino, da literatura, da história e nesse caso por meio também do jornalismo, mesmo parecendo um pequeno detalhe e uma frase que não faz tanta diferença. (FREITAS, 2016, p.20)

Ainda nessa mesma edição do jornal, mais ao fim da matéria é comentado mais uma vez que houve “violentos choques entre camponeses dominados por comunistas e a polícia” e “guerrilheiros indígenas que obedecem as ordens do extremista Hugo Blanco mataram brutalmente três policiais”, (Jornal do Brasil, 1962, n. 299, p.7) novamente uma ideia de controle dos comunistas sobre os camponeses e indígenas, é uma questão também classista de assumir que essas pessoas que são o corpo do movimento não tem consciência política própria e são apenas influenciadas por um grupo seletivo, porque mesmo que muitos fossem analfabetos o conhecimento vai muito além do ensino formal, a questão da vivência e dos saberes culturais é muito presente nesse meio e também eram usados cartazes como forma de passar informação. (BLANCO, 1972, p.91) Outra questão é a diferença na escolha de palavras ao falar que “morreram cinco camponeses na região” sem citar como e quem matou e afirmar que os indígenas “mataram brutalmente três policiais”, essa última frase tem um ar de mais importância, seriedade e indignação ao utilizar o adjetivo ‘brutal’ para descrever as mortes, enquanto a primeira é apenas citada como mais um dos acontecimentos, mais como uma consequência.

Por último, as informações que o JB nos dá são de ataques em postos policiais, um cerco de camponeses em Quillabamba para pressionar a soltura dos companheiros presos, a perseguição em cima de Hugo Blanco e mais detalhes sobre como os policiais estavam sofrendo na mão dos guerrilheiros antes dos reforços chegarem. O ministro general German Blondet afirmou aos jornalistas que “a onda de agitação é ‘de inspiração comunista, com participação de uma facção do partido aprista’ ”. (Jornal do Brasil, 1962, n. 299, p.7) Também há uma divergência de posicionamentos entre a sociedade agropecuária de Cusco, que quer as autoridades restabelecendo a ordem, e a Câmara do comércio da cidade, que pediu a reforma

agrária na região, são diferentes interesses em conflito, mas também não tem mais informações sobre essas duas instituições. Outro detalhe interessante é a atuação de estudantes universitários, que em apoio aos camponeses presos e às ocupações de terra, decidiram por ocupar a universidade de Trujillo em solidariedade à luta do campo.

No jornal do dia seguinte a esse, agora do dia 29 de dezembro de 1962, foi noticiado que reforços militares impediram assalto à instalação policial - fato também informado pelo jornal peruano *La Prensa* -, as ocupações feitas pelos guerrilheiros estavam provocando êxodo, que não é explicado em mais detalhes esse processo de fuga, mas imagina-se que seja por parte dos fazendeiros querendo escapar das retaliações. (Jornal do Brasil, 1962, n. 300, p.7) A procura intensa por Hugo Blanco continuou, foi considerado o principal culpado pela situação, a grande mídia considera ele como o líder do movimento e o rosto, a personalização dessas manifestações, mesmo que ele próprio nunca quis se colocar nessa posição, o movimento é coletivo, como ele mesmo afirma. Blanco deixa bem claro em suas entrevistas que “o sistema de casta e de classes trata de individualizar para o bem ou para o mal para personalizar processos de lutas coletivas, massivas.” (BLANCO, 2018) e não gosta de levar créditos em nome de algo que é maior que ele e que não foi feito sozinho.

As próximas edições do JB com menções às ações populares em La Convención já são todas no ano de 1963, a primeira delas no dia 09 de janeiro, ocupando a segunda página do jornal com o título da matéria “Policia peruana dá batida num vale à procura de guerrilhas”. (Jornal do Brasil, 1963, n. 06, p.2) Neste jornal foram noticiadas algumas informações novas, cerca de 200 camponeses se encontravam presos e nenhum deles quiseram delatar qualquer coisa sobre Hugo Blanco, além disso os camponeses livres se recusaram também a ajudar os policiais e não entregavam pistas para a busca, esses fatos dão a entender que há um certo apoio por parte dos moradores de La Convención, pelo menos dos camponeses, ao Hugo Blanco e ao movimento. Por conta desse suporte popular, continuou sendo ainda mais urgente a captura de Blanco sendo colocado como o objetivo principal das forças armadas por considerarem que ele estaria incitando os camponeses a se tornarem comunistas, mais uma vez colocando-o em uma posição de controle, praticamente dizendo que há uma doutrinação para as pessoas cederem ao comunismo.

A “fama” de Hugo foi tanta que recebeu o título de “Fidel Castro peruano” pelos jornais e ficou conhecido assim pelo que contam outros autores, o que é curioso porque ele não se considerava “castrista” como diz em uma entrevista

Quisiera aclararles que no fui “guerrillero castrista” ni “terrorista”. El proceso colectivo del cual fui parte, fue una reacción frente a los abusos y explotación al

campesinado de La Convención y el servilismo policial ante los latifundistas de tipo feudal, quienes hacían abuso de poder y violentaban a los campesinos.¹⁵ (BLANCO, 2020)

O apelido com certeza não foi dado como elogio, Cuba assim como outros países alinhados à União Soviética eram vistos como subversivos, ainda mais tendo em vista que 1962 foi um ano de turbulência na área de relações exteriores com Cuba, onde os Estados Unidos queria impor um bloqueio econômico e expulsar o país da OEA, coisa que a política internacional brasileira se mostrou resistente em apoiar essas medidas, e a mídia, pelo contrário, não ficou satisfeita. Aparentemente usar Fidel como parâmetro em comparação era bem comum, Brizola também foi chamado de “Fidel” segundo Rodrigo Patto (2000): “identificaram no estancieiro gaúcho o mais provável candidato ao papel de “Fidel” brasileiro”, é um título que significa radicalidade mesmo que ideologicamente não tenha compatibilidade e que é utilizado com estigma nos tempos em que era comum manifestar “o Brasil não será uma nova Cuba”. No entanto, ao mesmo tempo o título de “Fidel” poderia ser visto como uma esperança ou incentivo aos leitores, uma possibilidade de surgir outros como Fidel também no Brasil por exemplo, visto que por mais que o jornal tente condicionar o pensamento a partir da escrita, não necessariamente o leitor vai seguir a mesma linha de raciocínio, a recepção e interpretação do leitor não é algo que pode ser totalmente determinado pelo jornal, essas hipóteses devem ser consideradas também.

Ademais, nessa matéria do JB foi colocada a preocupação de uma possível interferência cubana, segundo a notícia foi a partir de investigações do governo que foi descoberto que na verdade as influências vinham de Praga e não de Cuba, este último tendo um impacto apenas moderado. Nas palavras do jornal, Praga - capital da Tchecoslováquia, país do bloco soviético - seria o “centro orientador da sublevação comunista” (Jornal do Brasil, 1963, n.06, p.2) e tinha por objetivo instaurar caos para avançar ao comunismo, o anticomunismo também foi muito construído com base no medo de ameaça estrangeira e na convicção de que o comunismo é uma ideologia do exterior que quer se infiltrar no ocidente, as relações entre as forças da resistência e países comunistas poderiam existir, no entanto era uma relação muito mais de solidariedade do que de interferência direta. (MOTTA, 2000, p.81)

Outras possibilidades levantadas são de as armas terem vindo de Miami e da fronteira com a Bolívia estar servindo de passagem para propaganda de agitação e militantes, algo

¹⁵ Fala de Hugo Blanco em entrevista “No fui ‘guerrillero castrista’ ni terrorista” publicada em 2020 pelo *La Republica e Correspondencia de Prensa*.

interessante é que as polícias de outros países estavam cooperando com o Peru na investigação desses rastros para combater as forças populares.

No último parágrafo, o JB trouxe a opinião de um jornal de Caracas, o *La Republica*, sobre o conflito que diz que “os comunistas estão tirando proveito dos sérios problemas sociais no Peru” (Jornal do Brasil, 1963, n. 06, p.2) e depois cita diretamente do jornal uma curta passagem acerca da realidade peruana:

Na zona campestre peruana imperam o latifúndio e o regime verdadeiramente feudal, descrito dramaticamente pelos homens de letras peruanos. Por inalterável tradição, o Governo do Peru esteve, sempre, nas mãos das castas e oligarquias reacionárias, ferrenhamente opostas a qualquer tentativa autêntica de reforma agrária¹⁶ (Jornal do Brasil, 1963, n.06, p.2)

Assim dizendo, os jornais fazem acusações acerca da natureza do movimento popular induzindo que o movimento é na verdade oportunista, que se aproveita da crise social do Peru para instaurar caos e avançar ao comunismo, mas é justamente pelos problemas sociais existirem que surge a necessidade dessas organizações camponesas e populares existirem, porque se não houver pressão e ação do povo as demandas são negligenciadas, como o próprio jornal diz que o poder estava na mão dos oligárquicos, classe que jamais iria ceder a uma reforma agrária, então é compreensível e lógico que as classes prejudicadas se revoltam contra esse monopólio de poder, a concentração de terras e a exploração, porque sabem que a classe que se beneficia não está interessada em transformações sociais.

A matéria da edição nº10, agora 12 de janeiro de 1963, já assume um tom diferente, o principal título da página 7 anuncia com letras grandes “Junta peruana anuncia imediata reforma agrária”, (Jornal do Brasil, 1963, n.10, p.7) diferentemente das últimas edições vistas que geralmente traziam a ação armada como chamativo. O ministro da agricultura do Peru comunicou que a reforma agrária iria começar por La Convención, que era onde estavam os focos principais de ocupações de terra “sob orientação do líder esquerdista” mencionando novamente Hugo Blanco como uma influência. Esse cenário aparentemente teve bastante repercussão, visto que na matéria fala sobre um telegrama para as autoridades de Lima enviado pela Organização Interamericana dos sindicatos livres (ORIT), que estava denunciando as perseguições contra os trabalhadores em nome do combate ao comunismo, afirmaram que estavam utilizando as ações dos comunistas como pretexto para os ataques à camponeses e operários que não tinham envolvimento com as ações que estavam sendo combatidas. Nessa

¹⁶ A matéria é citada pelo Jornal do Brasil, no entanto não foi descrita a data da publicação.

relação, também foi exposta a expectativa dos Estados Unidos de que agissem apenas contra os “comunistas e marxistas-leninistas” envolvidos no levante, no mesmo dia - por coincidência ou por efeito do telegrama e pressão internacional - foram soltos 59 presos políticos e outros ainda seriam libertos, foi feita uma Comissão das famílias dos detidos como forma de protesto contra o descaso do governo com os prisioneiros.

Agora mais especificamente sobre o assunto principal da matéria, que é a reforma agrária, o Instituto especializado nisso estava fazendo estudos para analisar como seriam aplicadas as leis de reforma, o ministro da agricultura - Afonso Terán - após ter dito que a preparação custaria em torno de 35 milhões de soles sem contar com as indenizações aos ex-proprietários de terras afirmou que “o trabalho em execução é mais importante do que o dinheiro”, (Jornal do Brasil, 1963, n.10, p.7) isso demonstra o quão grave era a situação e como havia uma grande preocupação para que fosse resolvida independente dos gastos, tinha-se uma crença forte que os problemas sociais abriam margem ao comunismo e por isso viam na reforma uma tentativa de tentar frear a radicalização que já estava alta no campo.

O resumo explicativo dado pelo jornal é que no início o movimento era pacífico, no entanto depois de algum tempo começaram os enfrentamentos com a polícia, no qual o mais grave foi no vale do rio de Chaullay, onde a polícia afirmou que tiveram 5 mortos e 5 feridos e os camponeses dizem que o número passava dos 40 e que muitos corpos eram jogados no rio, Blanco mais uma vez frisado como líder que instiga esses grupos armado. A matéria - feita em janeiro - aponta que a reforma estava sendo pensada desde novembro e que a lentidão do processo levou as pessoas a ocuparem a terra, não existe espera quando a sobrevivência é colocada em questão, um dos graves problemas era não ter um plano concreto para a situação no campo.

Por fim, o JB traz as opiniões de jornais da capital boliviana como o *El diario* e o *Presencia*, visto que havia suspeitas de elementos bolivianos estarem envolvidos nessa trama. Os periódicos comentaram as contradições acerca dos conflitos, o político Manuel Seoane dizia que os problemas com os comunistas já tinham cessado, enquanto Lima demonstrava o contrário, que nas palavras do JB havia uma “aparentosa publicidade em cima da trama”, (Jornal do Brasil, 1963, n.10, p.7) parece que há uma certa discordância com relação aos políticos e a mídia sobre como explorar os acontecimentos, enquanto um prefere mascarar, o outro se aproveita para gerar e render assunto.

Um dia depois, agora no dia 13 de janeiro de 1963, a edição nº11 novamente traz o Peru como principal manchete da página 7 com o título “Combate de guerrilheiros com Polícia no Peru”, (Jornal do Brasil, 1963, n.11, p.7) a reportagem foi feita a partir de informações dadas

por agências de notícias estrangeiras como a UPI (*United Press International*) e a FP. A informação nova que chega ao jornal é que correm notícias de que Hugo Blanco estaria ferido, no entanto ainda que em condições adversas ele se manteve em fuga mesmo com a batida dos polícias em um possível esconderijo, onde havia pessoas em posto de vigilância para avisar possíveis ataques e atrasar a polícia, permitindo a fuga. Novamente citam Blanco como uma das cabeças por trás das conspirações comunistas, utilizando mais uma vez o apelido “Fidel peruano”, é interessante notar essa centralização por parte da mídia em cima da figura de Blanco, quase nenhum outro nome é citado nas notícias, mesmo havendo outros dirigentes e lideranças.

Seguindo os processos já iniciados de libertar as pessoas que não tinham muito envolvimento, foram soltos mais 75 presos e ainda havia mais de 200 na prisão passando por intensos inquéritos, a polícia e as autoridades pareciam determinadas a conseguir informações importantes acerca do movimento e principalmente de Hugo Blanco. Outra informação significativa nessa notícia foi a aliança do Peru com os países Chile e Bolívia na tentativa de barrar o movimento de “elementos subversivos” pelas fronteiras, o governo chileno deixando claro que não contribuiria no aspecto repressivo, mas apenas de vigilância, enquanto os bolivianos demonstram uma postura mais combativa com ordens para barrar os movimentos comunistas, além de uma operação investigativa já em andamento acerca da suspeita de canais clandestinos perto da fronteira. Ademais, o JB afirma que, “Todavia, o Ministro boliviano evitou cuidadosamente fazer qualquer referência ao alegado acordo com o Peru e o Chile”, (Jornal do Brasil, 1963, n.11, p.7) além de mostrar que os países vizinhos se articulavam em conjunto para combater o comunismo, também evidencia que era uma movimentação sigilosa que preferiam não comentar e divulgar, uma relação diplomática entre os países latino americanos, o anticomunismo em comum que baseia esses laços políticos.

Dias depois, no caderno especial de 20 de janeiro de 1963, *La Convención* aparece na seção de Newton Carlos, jornalista que é considerado um precursor das colunas de análise de questões internacionais e marcou a história do jornalismo. O título dessa matéria é “Fogueiras acesas nos Andes” e traz uma grande foto com a legenda “generais reformistas” se referindo a junta militar que estava em processo de encaminhar a reforma agrária. A primeira informação do texto é que “14 de novembro de 1962, oito mil camponeses índios, do Peru, entraram em choque com a polícia em Cuzco”, (Jornal do Brasil, 1963, n.17 - caderno especial, p.82) em questão de números é a primeira vez que dá para ter uma dimensão maior do tamanho do movimento, antes se falava em ataques com 200 camponeses e é interessante a demarcação de classe e raça salientando que são camponeses indígenas que fazem parte das ações. O autor da

matéria também adiciona um comentário do *New York Times* - importante jornal estadunidense - sobre a situação andina e os fatos que chegam de Lima, o que significa que não só os jornais peruanos ou latino americanos estavam atentos aos eventos peruanos e que de fato houve um certo impacto, o jornal NYT afirmou que “sobre episódios de importância aparentemente reduzida, estão fatos potencialmente graves”. (Jornal do Brasil, 1963, n.17 - caderno especial, p.82)

Logo em seguida, o jornalista do JB falou sobre a questão das prisões arbitrárias e do número de prisioneiros, reforçando os acontecimentos que já haviam sido citadas em edições anteriores do jornal e também dando um panorama maior agregando informações sobre o Peru que se tornam relevantes para compreender o contexto:

Com sete milhões de índios e mestiços vivendo em condições subumanas (toda a população é de 11 milhões), experimenta o Peru, atualmente, a maior onda de ocupação de terras à força na América Latina. Os movimentos de ocupação já se estendem ao setor operário, sacudido em dezembro por violenta greve geral no centro mineiro de La Oyra. (Jornal do Brasil, 1963, n.17 - caderno especial, p.82)

A composição da população do Peru já foi citada em capítulos anteriores, mas isso vir no jornal é notável visto que não é uma realidade tão conhecida e são fatores imprescindíveis para compreender a situação. A maior parte da população ser indígena e fazer parte da parcela que é subjugada diz muito sobre o porquê de ser a maior onda de ocupação de terras do continente, essa constatação também traz mais indagações ao passo que explica a repercussão nessa época, porém não se entende como isso passa batido na posterioridade, não parece ter tanta importância apesar da magnitude porque não é um conteúdo que faz parte do senso comum, como por exemplo a Revolução Cubana. As ocupações terem tido influência no meio urbano e outros setores também serve de alerta, há uma preocupação que cause um efeito em cadeia tanto internamente como em outros países também, ali é citado os mineiros em uma greve forte seguindo o exemplo do campo.

Uma das consequências da relevância e da repercussão do movimento peruano fez com que o país, e mais especificamente a região de Cusco, se tornasse um destino muito visado pelos militantes da esquerda revolucionária, principalmente militantes vindos do Equador, Venezuela e Colômbia. Newton Carlos até comenta a fala de Fidel Castro sobre haver a possibilidade dos Andes se tornarem uma grande *Sierra Maestra*, ou seja, que aquela área tinha um grande potencial revolucionário, de agitação e que estava vivendo um importante momento

que poderia definir o futuro da região. (Jornal do Brasil, 1963, n.17 - caderno especial, p.82)

A matéria traz alguns dados estatísticos sobre a realidade peruana, afirma que a riqueza do país é concentrada em 13% da população, que 56% da população é composta por camponeses, enquanto 63% das terras para cultivo pertencem a um pequeno grupo de fazendeiros (1,3%) e só 20% das cidades tem tratamento de esgoto. Esses e outros dados mostram uma realidade de desigualdade social comum em muitos países da América Latina, como bem comenta Carlos, mas diferencia ao destacar que “enquanto o Brasil, por exemplo, se compromete com um processo de desenvolvimento econômico, os peruanos, submetidos a uma economia colonial e a castas, [...] se sentem em um beco sem saída”, (Jornal do Brasil, 1963, n.17 - caderno especial, p.82) mesmo com esse desejo de desenvolver a economia isso não significou que acarretaria em grandes transformações sociais ou diminuição da desigualdade no Brasil.

Seguindo a análise, o jornalista comenta as eleições de 1962 no Peru em que Haya de La Torre foi eleito, mas sofreu um golpe da Junta Militar que foi justificado por um histórico de conflito e ódio entre militares e apristas, e também por pressão dos latifundiários que não aprovavam o caráter reformista do candidato da APRA. Mas como o próprio Newton Carlos salienta, este regime militar se difere do militarismo de extrema direita que foi visto nessa década na América Latina, justamente por seu caráter reformista que os latifundiários tanto rejeitavam. Nesse balanço sobre o caráter da Junta Militar foi colocada em xeque a coerência política dos governantes, visto que parecia entrar em contradição com suas próprias ações ora se apoiando em determinados organismos sindicais e ora recorrendo a repressão, segundo Carlos “o Peru se transformava, com auxílio surpreendente de uma junta militar, no centro de uma pré-revolução andina”, (Jornal do Brasil, 1963, n.17 - caderno especial, p.82) o que na verdade fazia sentido dentro do plano de dar uma reforma agrária para afastar a população do comunismo, para acalmar os ânimos do povo.

Essa falta de controle sobre a radicalidade foi compensada com repressão policial em cima dos grupos organizados e, segundo a matéria, liderados por Hugo Blanco, novamente chamado de Fidel peruano. E mesmo com essa dificuldade, os militares “procuram, tateantes e atormentados por compromissos que o país inteiro conhece, desenvolver agora um tipo de revolução rigidamente controlada”, (Jornal do Brasil, 1963, n.17 - caderno especial, p.82) o que significava que as mudanças sociais feitas a partir de concessões e reformas vindas a partir do governo, e não uma transformação na estrutura de fato. Na última parte da matéria é demonstrada uma certa preocupação de que a contenção não fosse ser suficiente, acrescentando

outros acontecimentos como as greves operárias em fábricas de sapato, tecido e fertilizantes, além do setor mineiro em que a greve foi caracterizada como violenta, o que demonstra um desencadeamento de ações de caráter de classe e que causam repúdio e receio do setor midiático, que questiona as políticas da Junta Militar temendo uma revolução social.

Para completar essa panela de pressão ainda foi citada a ocupação de terra feita por indígenas em Yerus Yacán, na tentativa de conter a empresa *Cerro de Pasca Corporation* e de recuperar as suas terras. (Jornal do Brasil, 1963, n.17 - caderno especial, p.82) Então existe todo um resgate que está ligado não apenas a questão camponesa, mas algo que faz parte também da identidade indígena que vê na terra não só um lugar de sustento, mas também algo vivo e sagrado para eles. Aproveitando essa pauta, mais uma vez se faz a acusação de que os guerrilheiros estariam se aproveitando dos indígenas para se apropriando da sua revolta para interesses próprios, o que na verdade não faz tanto sentido se pensar que a própria população campesina é em sua maioria composta de indígenas e seus descendentes, o próprio Newton Carlos admite depois que “são as comunidades índias referência indispensável e central de qualquer ação revolucionária ou reformista no país”.

(Jornal do Brasil, 1963, n.17 - caderno especial, p.82)

No final, o jornalista já coloca vários questionamentos e dúvidas se perguntando se a Junta Militar conseguiria parar o avanço das guerrilhas e se o método deles era o certo, dizendo que “voltam os generais peruanos a insistir em seu reformismo, como se estivessem convencidos de que somente assim, e não com repressão policial, evitarão a revolução social. Mas seu reformismo ainda dispõe de meios de ação?” (Jornal do Brasil, 1963, n.17 - caderno especial, p.82) e também indagando “suas especulações com lideranças de esquerda não teriam ido muito longe, estimulando um processo revolucionário a esta altura incontrolável?”, (Jornal do Brasil, 1963, n.17 - caderno especial, p.82) ou seja, há um temor por parte de alguns setores que essa movimentação popular não consiga mais ser contida nem por meios reformistas e tampouco por meios repressivos, o medo está no estímulo a outras regiões e outros países e virar uma reação em cadeia pelo continente.

Após essa matéria de Newton Carlos, o assunto só voltou a ser brevemente noticiado cerca de um mês e alguns dias depois, em 06 de março de 1963. A edição de nº53 trouxe uma nota na página 7 com a manchete “Possível a deportação de chefe deposto da junta militar do Peru”, (Jornal do Brasil, 1963, n.53, p.7) que fala principalmente da possível deportação do ex-governante da Junta Militar, general Ricardo Pérez Godoy, e as suspeitas de uma possível suspensão das eleições marcadas para junho devido essa movimentação política. A informação nova acerca das ocupações de terra é de que portos chilenos indicam que Hugo Blanco estava

tentando se refugiar no Chile e mais uma vez a matéria lembra que Blanco é um líder camponês apelidado de “Fidel peruano”, já denota uma menor atenção aos eventos de Cusco, isso podendo estar relacionado a essa fuga de Blanco e conseqüentemente uma diminuição da intensidade das ações no campo.

No próximo mês a edição 92 trouxe uma pequena matéria intitulada de “Ação de guerrilhas no Peru”, dessa vez o JB apenas informou que grupos guerrilheiros que seguem Hugo Blanco continuaram a ocupar fazendas na região de La Convención y Lares e portanto foram acionadas as forças policiais para combate, que “centenas de indígenas liderados por Blanco, apossaram-se nas últimas horas de ontem de extensas fazendas localizadas na província de Paruru” (Jornal do Brasil, 1963, n.92, p.7) e também citou as suspeitas de que o líder camponês estaria gravemente doente e se escondendo em alguma fazenda de Chaupimayo.

A última matéria selecionada do Jornal do Brasil citando as ações camponesas no Peru é datada de 31 de maio de 1963 na edição número 125 e novamente também contém como fonte a agência de notícias UPI. A notícia com o título “Prêso o Fidel Peruano” (Jornal do Brasil, 1963, n.125, p.12) traz poucas informações sobre a captura do líder camponês Hugo Blanco, segundo as fontes ele havia sido achado em Quillabamba enquanto se encontrava debilitado e doente, mas foi capturado vestindo roupas de comando, as quais não foram descritas, no entanto as vestimentas em evidência têm o intuito também de destacar a posição dele em todo esse movimento. Segundo o jornal, “a polícia afirma que em seu período de maior popularidade, Hugo Blanco conseguiu controlar aproximadamente dez mil camponeses.”, (Jornal do Brasil, 1963, n.125, p.12) isso nos dá a informação acerca do possível tamanho e proporção do movimento e também a palavra “controle” empregada nesse contexto implica em algum tipo de coerção por parte das lideranças, especificamente de Blanco, e também de novo denotando uma passividade vinda dos camponeses como se fossem massa de manobra, outras expressões poderiam ser utilizadas como liderar, organizar, coordenar, entre outros, que dizem respeito a função que ele desempenhava no movimento e não um significado de manipulação.

Ademais, o jornal informa sobre os posicionamentos do jornal estadunidense *Washington Post* acerca das eleições peruanas que viriam a acontecer, há um certo receio de que haja intervenção dos militares novamente caso Haya de La Torre vença novamente e isso cause ainda mais agitação popular. Essa passagem do jornal expõe como os Estados Unidos não aprecia a junta militar, justamente por ela não ter boas relações com o excesso de capital estrangeiro no Peru, a visão da Junta é de que a forte dependência com o capital internacional é um dos fatores que causa o atraso nacional. Os objetivos da Junta Militar não se alinhavam

com o governo estadunidense, tinham intenções de expropriar empresas norte-americanas como a *International Petroleum Company*. (COTLER, 2006, p.288)

A prisão de Hugo Blanco foi certamente um golpe para o movimento camponês, era uma figura importante, no entanto as ações continuaram, houve muita pressão interna e externa com relação à situação de Blanco, uma verdadeira campanha pela soltura alegando que era uma prisão política infundada, dizem ter tido uma repercussão midiática. O historiador peruano Julio Cotler destaca que Enrique Gallegos “descreveu o triunfo sobre Hugo Blanco graças a uma combinação de repressão contra os líderes e de distribuição de terras entre os camponeses” (Ibid, p.271), ou seja, sem a prisão sistemática sobre as lideranças era provável que não conseguiriam implantar a reforma agrária nos termos do governo. Foram presos não só os líderes camponeses, mas também importantes militantes sindicais e estudantis, segundo Hobsbawm foram presos cerca de 80 líderes sindicais e os esforços passaram de ocupação de terras para se concentrar na libertação desses militantes. (Ibid, p.288) (HOBSBAWM, 2017, p.218)

Tempos depois, ainda em julho de 1963, acabaram instituindo a lei da reforma agrária, que muitos chamavam de reforma do Hugo Blanco, o que mais uma vez mostra a importância que ele teve naquele contexto, mesmo que na época que foi implementada a reforma ele não estava podendo atuar politicamente. Nessas 10 edições que foram escolhidas para fazer parte do estudo, selecionadas a partir dos anos em que o movimento estava mais em alta, podemos ver algumas diferentes fases dele com uma cobertura mais tímida no começo, o meio atingindo um ar de gravidade nas reportagens e o final fechando de forma mais breve e noticiando a prisão.

O nome de Hugo Blanco sempre presente, havia uma centralização em cima dele enquanto figura de líder e que depois vemos que ele próprio não gostava desse destaque, ele diz em uma entrevista que “isso é importante porque alguns dizem que era a reforma agrária de Hugo Blanco. Mas eu estava preso! Sempre tivemos a clareza de que quem fez a reforma agrária foi a coletividade de La Convención.”. (BLANCO, 2017) A individualização das causas serve a um propósito de descredibilizar o movimento como não popular e fazer acreditar que ele não tem esse apelo por parte do povo, apenas por alguns indivíduos “corrompidos pela ideologia comunista.”

Apesar de não constar mais na seleção de fontes por se tratar de anos posteriores, o movimento camponês continuou ativo até 1965, mesmo perdendo um pouco de força devido às inúmeras prisões, que foi quando o atual presidente Belaúnde foi pressionado pelo setor midiático representado pelo *La Prensa* e posteriormente pelas forças armadas a combater os

focos de guerrilha que restavam. Era de interesse do exército que a reforma se desse de forma com que não houvesse a participação popular para que não houvesse incentivo para mais insurgências no país. (COTLER, 2006, p.298) E apesar da reação violenta que acabou com a mobilização camponesa naquele momento, isso também não impediu de posteriormente os camponeses se organizarem de outras formas para continuar exigindo aquilo que lhes é de direito.

4.2 A IMPRENSA PARCIAL E IDEOLÓGICA COMO ARMA

Não são todas as matérias jornalísticas que são escritas com a intenção proposital de ser um discurso e propaganda anticomunista, mas a linguagem da imprensa burguesa já é pensada para a manutenção do status quo, é tida como um ponto neutro diante dos acontecimentos, mas que também está comprometida ideologicamente. A imprensa do século XX se movimenta de acordo com o mercado com desejo de suprir as demandas capitalistas, é por meio dessa transição que a imprensa assume esse caráter empresarial para se tornar grande e, portanto, adota também a personalidade burguesa e a ideologia dominante, não é à toa que muitos discursos nos jornais dessa época marginalizaram movimentos sociais e como meio de comunicação em massa, acaba sendo um poder politicamente decisivo no país. (LUCA; MARTINS, 2006, p.12)

Existem alguns artifícios e engrenagens que mantêm funcionando a reprodução social do sistema, as instituições fazem parte disso, assim como agentes privados também, que trabalham para os interesses de classe e colaboram para a manutenção de valores que formam a estrutura. (THOMPSON, 2011, p.117) Nisso se encontra a indústria da informação e comunicação que é um dos pilares para o funcionamento desses mecanismos ideológicos.

A Ideologia é caracterizada por ser um instrumento de dominação de classe com objetivo de que as violências e explorações da classe dominante passem despercebidas pela classe explorada para que esta permaneça subjugada e alienada de sua condição. Sendo assim uma construção de ideias pela consciência social e não apenas visões de mundo refletidas na realidade como se coloca no senso comum, visto que a ideologia - aqui se tratando da dominante - é feita para ser ilusória.

A classe que tem à sua disposição os meios de produção material dispõe, ao mesmo tempo, dos meios de produção espiritual, o que faz com que a ela sejam submetidas, ao mesmo tempo e em média, as ideias daqueles aos quais faltam os meios de

produção espiritual. As ideias dominantes nada mais são do que a expressão ideal das relações materiais dominantes. (MARX; ENGELS, 1979, p.72)

Então, as defesas ideológicas das classes dominantes não são feitas para serem anunciadas como tal, estão quase sempre escondidas atrás de alguns valores considerados universais, como por exemplo a defesa da pátria, da família, a democracia liberal e a cidadania, ao se apropriar desses conceitos para si fica mais fácil de marginalizar enquanto moralmente corrompido e ilegítimo as pessoas e organizações que se colocam como oposição. Essa vantagem de possuir os meios de comunicação de massa é o que faz o debate político público e a competição por espaço tão desigual. O próprio empresário e pioneiro na área, Assis Chateaubriand, escreveu em um de seus artigos que “O imenso poder do jornalismo neste país é porque ele traduz uma forma de expressão da liberdade, que é a expressão das ideias e dos fatos.” (CHATEAUBRIAND, 1946), ele foi uma das pessoas que mais utilizava essa influência a seu favor.

Informar e ter comprometimento com a ética profissional são funções sociais do jornalismo, ou seja, se dedicar a produzir conteúdo de acordo com a verdade, mesmo que as interpretações pessoais estejam ali presentes porque não existe parcialidade completa. O princípio de ter o dever de trazer informação com credibilidade para a população, seja lá qual for o alcance, é o que move a discussão pública e política, esse objetivo deveria ser o mais claro e importante, no entanto com uma maior inserção no mercado o lucro se torna uma das metas, o que influencia em todo o processo desde a seleção de pautas, a disposição das matérias no jornal de acordo com a importância e a construção de um apelo que impulse as vendas. (PERDOMO, p.14)

O conhecimento que temos dos líderes políticos e de suas políticas, por exemplo, é derivado quase que totalmente dos jornais, da rádio e da televisão, e as maneiras como participamos do sistema institucionalizado do poder político são profundamente afetadas pelo conhecimento que daí deriva (THOMPSON, 2011, p.285)

Enquanto um agente formador de opinião os periódicos têm que manter o compromisso com a cidadania e entregar notícias, textos, leituras de qualidade visto que possuem papel essencial e transformador ao reafirmar ou questionar os valores sociais, ao conduzir e cobrir a política nacional. O aprimoramento na indústria de comunicação de massas permitiu que ampliasse em quantidade e extensão a propagação dos jornais, os meios de comunicação e mídia acabam conectando através da distância e promovendo uma maior integração. Todo o processo de desenvolvimento dos periódicos que foi conduzido pela modernização trouxe

novas dinâmicas de relações sociais acerca da política e da sociedade de modo geral a partir dessas modificações de como fazer notícia e vender jornais.

Os costumes e valores eram fabricados a partir do que é anunciado pela mídia como o mais correto, o melhor, o que faz mais sucesso. Mas é importante ressaltar que apesar de existir esse sistema de valores que são fortemente reforçados por diversos meios e até instituições, ainda assim as pessoas possuem consciência própria e fazem suas próprias ações, podendo ir contra ou a favor do que é proposto, visto que não é um determinismo, mas sim um condicionamento, ou seja, não é algo dado como apenas concreto e objetivo porque entra em contato com a subjetividade dos indivíduos e a partir desses conflitos internos enquanto ser histórico social que as ações são feitas.

Quando se tornava necessário por conta do contexto político e do temor generalizado do setor empresarial havia uma movimentação para que fossem impulsionadas cada vez mais reportagens e notícias anticomunistas, muitas com diversos tipos de difamação, distorção e elementos sensacionalistas. A causa anticomunista era um ponto de encontro político e econômico muito favorável à vários setores, não é segredo que na década de 60 o jornalismo brasileiro estava envolvido no processo de desmoralização do governo de Jango e conseqüentemente na construção do golpe civil-militar de 1964. O anticomunismo era vital para a manutenção das relações de poder e estigmatização de todo e qualquer movimento popular ligado às pautas de esquerda, o projeto de sociedade defendido pelas elites foi auxiliado pela mídia impressa, que mais tarde viria a sofrer as conseqüências da censura.

Os eventos trazidos pelos jornais como notícia são reais, todos aconteceram devido seu próprio contexto e a participação ativa dos envolvidos, mas a forma com que é retratado no jornal pode vir de diferentes maneiras, as escolhas em como mostrar cada situação às vezes demonstram mais que os fatos em si. A ideologia, como já dito, busca trazer o ideal da realidade, sempre baseado nos fatos materiais e através disso inserindo valores e aspectos simbólicos.

A construção da noção de imparcialidade enquanto algo a ser alcançado, principalmente no meio jornalístico e midiático, é algo que afasta a politização aberta, só que ao contrário do esperado, que seria algo verdadeiramente justo e autêntico, acaba fomentando essa ilusão de que é uma plataforma justa por não tomar lados, não ter posicionamento. A neutralidade é muito mais utilizada como ferramenta discursiva para fazer crer que aquela informação dada é válida e tem credibilidade do que de fato uma informação neutra, é um disfarce que esconde através de palavras técnicas e usa de escudo a defesa da democracia liberal para reproduzir uma posição de sustentação de desigualdades, violências. (BIROLI; MIGUEL, 2010, p.66)

A supervalorização da imparcialidade coloca em questão o que é considerado neutro, apolítico e o que é considerado como político, subversivo, não tem como se propor a relatar acontecimentos sem expor todas as camadas que a situação envolve, pois corre o risco de cair na superficialidade e as consequências da opinião pública que foi formada através da cobertura jornalística serem graves. Esse ponto proposto como imparcial sugere que todas as opiniões que divergem disso, então são consideradas equivocadas, descredibilizadas. Se apenas uma visão, que é ligada a interesses de classe, é considerada válida, como considerar justa qualquer disputa política que possa existir a partir dos meios de comunicação? Pensando em como se utilizam de suas plataformas para convencer de que o jornalismo empresarial representa a democracia e a cidadania enquanto diversos valores são colocados debaixo do tapete. A quem esse discurso serve? (Ibid, p.69)

Apresentando-se como fiadores do pluralismo político, os meios de comunicação delimitam o debate público e confirmam os critérios ativos para a diferenciação entre opiniões razoáveis e não razoáveis e para a avaliação dos níveis aceitáveis de conflito em sociedades democráticas (Ibid, p.74)

O discurso no meio jornalístico geralmente exalta a liberdade de expressão, as diferentes opiniões, no entanto apenas permite até certo ponto que essas divergências sejam expostas, há limites nesse discurso liberal da grande mídia impressa que sempre colocará seus interesses antes dos interesses populares ou do bem estar comum.

Não dá para tratar o jornalismo como algo cristalizado, enquanto algo produzido pela humanidade, vai continuar possuindo falhas e reconhecer essas falhas significa um avanço para o pensamento crítico e para futuras pesquisas. O jornalismo é uma ferramenta que pode ser utilizada de diversas formas, como fonte sempre será concederá informações interessantes que podem ser utilizadas em estudos e pesquisas, e como sua função original pode ser uma faca de dois gumes, utilizado como arma para atacar e enfraquecer ideias, mas também com o poder de democratizar conhecimento e cumprir com sua função social de desenvolver a cidadania.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início da pesquisa procurei dar um panorama sobre a história peruana, contextualizar os conflitos de classe que influenciaram direta ou indiretamente os levantes do campo nos anos 60. Não se pode analisar um fenômeno de forma isolada, ainda mais se tratando de outro país que não o Brasil, que já se tem conhecimentos prévios mais consolidados no nosso subconsciente. A realidade do Peru tem diversas especificidades que foram importantes de colocar para deixar a pesquisa mais completa e compreender melhor os fenômenos agrários a partir das estruturas latifundiárias e heranças coloniais que foram perpetuadas. A resistência que surge no campo peruano é algo muito emblemático que pode ser colocado como tradição, sem contar toda a ancestralidade envolvida e as raízes indígenas que são celebradas, são coisas que auxiliam na unidade camponesa e na identificação entre si, fatores que foram relevantes no processo de séculos de politização que culminou na década de 60 e teve seu auge com a proliferação de sindicatos e outras organizações políticas que elevou a experiência popular política. A província de La Convención nos anos 60 se tornou um dos focos de atividade guerrilheira na América Latina e uma das principais experiências de revolta camponesa.

Fazendo parte desse processo de desenvolvimento político se tem a imprensa que surge como uma ferramenta que junto com o decorrer da modernização vai modificando as relações sociais, primeiramente sofisticando o modo de disseminar informação e mais tarde democratizando esse acesso – isso sendo ligado ao processo de alfabetização e educação – e cada uma dessas fases traz impactos distintos dentro da política, retomar esse início dos periódicos latino americanos foi necessário para entender como que foi instituído e como a imprensa foi se desenvolvendo de acordo também com a política tendo sido utilizada como ferramenta, e como a mídia impressa também foi um agente ativo em diferentes cenários políticos, se tratando tanto de Peru quanto de Brasil.

Mais especificamente falando do Jornal do Brasil, o momento que foi analisado as edições se trata de um período de conflitos ideológicos elevados pela Guerra Fria e pela crescente polarização política que vivia o país durante o governo de Jango Goulart, posteriormente resultando no golpe civil-militar. Dentro desse panorama foi interessante analisar as reportagens do Jornal do Brasil que citavam a província de La Convención e o movimento camponês que estava em andamento, é nítido que no discurso elementos anticomunistas como já era esperado, visto se tratar de um jornal historicamente reacionário e envolvido com interesses do capital nacional de empresários como Chateaubriand. Os elementos mais comuns foram a centralização de todo o processo em torno de Hugo Blanco,

dar grande foco na violência revolucionária e pôr “os comunistas” como manipuladores que controlavam a população local. Muitas vezes essas tentativas de criminalizar movimentos sociais passam despercebidas justamente pela linguagem jornalística ser considerada imparcial e por ser algo institucionalizado.

Algo que chama atenção é como a mídia periódica não consegue fazer distinção entre diferentes ideologias ou correntes de pensamento, tudo é colocado dentro de uma generalização denominada de comunismo e mesmo que tenham concepções distintas são tratadas como iguais.

Foi uma pesquisa escrita em três eixos principais que se entrelaçam – a história e realidade peruana, a imprensa e o trabalho de análise de jornais – e fazem ser possível ter uma compreensão das percepções trazidas pela fonte, Jornal do Brasil, e refletir acerca das estratégias da imprensa periódica e como as grandes empresas de jornal servem a interesses de classe, sempre dispostas a minar as mobilizações populares.

Esse trabalho foi um desafio desde o início, a execução se mostrou ainda mais complexa por se tratar de um país que eu não tinha tanto contato e conhecimento, no entanto justamente por isso também considero a experiência muito rica por conseguir me tirar da zona de conforto e ter aprendido muito em todas as fases dessa pesquisa. Isso também demonstra como muito pouco se conhece de países próximos ao Brasil, países vizinhos e o quanto poderia se ganhar se houvesse um esforço maior para inserir mais a história de outros países latino americanos na educação básica e superior.

As dinâmicas e estratégias midiáticas mudam conforme o tempo, mas ainda há resquícios dessa mentalidade que tenta desacreditar os movimentos sociais justamente pela luta de classes não ter sido resolvida e essa contradição, os interesses em conflito, não permitem que haja uma mudança ou uma verdadeira democratização dentro dos jornais. Por isso é tão importante que se coloque em xeque a imparcialidade que tanto vangloria a mídia, podem surgir ainda milhares de pesquisas com o intuito semelhante, mas que lidam com outros eventos e que chegarão a conclusões semelhantes. A problemática dos periódicos, e expandindo até para outras mídias, é inesgotável, é um campo muito rico para se pesquisar devido a gama de materiais e temáticas que podem ser analisadas.

Espero ter conseguido contribuir para a ciência histórica e para o entendimento dos temas que abordei. Em contraponto a grande imprensa, é sempre importante destacar a necessidade da imprensa popular, dos documentos produzidos pelas classes exploradas, que vão contar os fatos a partir de outra visão e trazendo a experiência de luta e organização política,

se essa grande imprensa não olha pelos desfavorecidos e se olha é com maus olhos, então que se produza os seus próprios papéis, como fizeram os camponeses de La Convención.

FONTES

Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 1962\Edição 00268. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_08&Pesq=hugo%20blanco&pagfis=34171

Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 1962\Edição 00299 (1). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_08&Pesq=hugo%20blanco&pagfis=35365

Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 1962\Edição 00300 (1). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_08&Pesq=hugo%20blanco&pagfis=35389

Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 1963\Edição B00006 (1). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_08&Pesq=hugo%20blanco&pagfis=35652

Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 1963\Edição 00010 (1). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_08&Pesq=hugo%20blanco&pagfis=35739

Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 1963\Edição 00011 (1). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_08&Pesq=hugo%20blanco&pagfis=35761

Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 1963\Edição 00017 (1). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_08&Pesq=hugo%20blanco&pagfis=36054

Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 1963\Edição 00053 (1). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_08&Pesq=hugo%20blanco&pagfis=37275

Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 1963\Edição 00092 (1). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_08&Pesq=hugo%20blanco&pagfis=38823

Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 1963\Edição 00125 (1). Disponível em:
http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_08&Pesq=hugo%20blanco&pagfis=40173

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BIROLI, Flávia; MIGUEL, Luis Felipe. **A produção da imparcialidade**. Revista Brasileira de Ciências Sociais - Vol. 25 n° 73 junho/2010.
- BLANCO, Hugo. Prólogo. In: CAMEJO, Peter. **Tierra o Muerte**: las luchas campesinas en Perú, 3ª ed., 1979.
- BLANCO, Hugo. **As várias primaveras de um combatente**. [Entrevista concedida a] Viviana Rojas Flores e Márcio Zonta. Brasil de Fato, Lima (Peru), 03 de Dezembro de 2018. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2018/12/03/as-varias-primaveras-de-um-combatente>
- BLANCO, Hugo. **“Manda a coletividade, não o indivíduo”**. [Entrevista concedida a] Bernardo Corrêa e Fernanda Melchionna. Revista Movimento, fevereiro, 2017. Disponível em: <https://movimentorevista.com.br/2017/03/entrevista-hugo-blanco-peru/>
- BLANCO, Hugo. **“No fui ‘guerrillero castrista’ ni terrorista”**. [Entrevista concedida a] Roberto Ochoa. La República - 22/06/2020, Correspondencia de Prensa - 25/06/2020, Lima (Peru). Disponível em: <https://correspondenciadeprensa.com/?p=12453>
- CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia?**. 2ª ed. - São Paulo: Editora Brasiliense, 2008
- CHATEAUBRIAND, Assis. **Uma visita ao “Times”**. Diário de Notícias. Salvador, 12 de mar, 1946.
- COTLER, Julio. **Classes, estado e nação**. Trad. de Sérgio Bath. Brasília: FUNAG, 2006.
- CRAIG JR., Wesley W. **El movimiento campesino en La Convención, Perú** La Dinámica de una Organización Campesina. Série: Documentos Teóricos N° 11. Instituto Estudios Peruanos. Lima, janeiro de 1968.
- DAVIS, Natalie Zemon. **Las Formas de Historia Social**. In: História Social, n.10, primavera-verano, 1991.
- ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. **A ideologia alemã (I - Feuerbach)**. 2ª ed. - São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas LTDA., 1979.
- HOBBSBAWM, Eric; BETHELL, Leslie. **Viva La Revolución: A Era das Utopias na América Latina**. Trad. Pedro Maia Soares - 1ª edição - São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- LAPUENTE, Rafael Saraiva. **O jornal impresso como fonte de pesquisa**: delineamentos metodológicos. Trabalho apresentado no GT de História da Mídia Impressa, integrante do 10º Encontro Nacional de História da Mídia, 2015.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão ... [et al.] -- Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.

LUCA, Tania Regina de; MARTINS, Ana Luiza. **História da Imprensa no Brasil**, 1. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2006. v. 1. 136p

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio de periódicos. In: PINSKI, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. 2ª ed. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

MADUELL, Itala. **O jornal como lugar de memória**: reflexões sobre a memória social na prática jornalística. Revista Brasileira de História da Mídia (RBHM) - v.4, n.1, jan./2015 - jun./2015.

MALPARTIDA, Marcos Marcial Matos. **Terra ou Morte**: As denúncias das Federações camponesas e yanaconas contra as fazendas e o governo peruano, expostas no jornal Unidat (1960-1963). XIII Encontro Estadual de História – História e mídias: narrativas em disputa. Universidade Federal do Ceará (UFC).

MARIÁTEGUI, José Carlos; QUIJANO, Aníbal (prólogo). **Siete ensayos de interpretación de la realidad peruana**. 3ª Ed. - Fundación Biblioteca Ayacucho, 2007.

MARIÁTEGUI, José Carlos. **Sete ensaios de interpretação da realidade peruana**. São Paulo: Alfa-Omega. Trad. Felipe José Lindoso, 2ª ed. - Editora Expressão popular, 2010.

MARIÁTEGUI, José Carlos; LÖWY, Michael. **Por um socialismo indo-americano**: ensaios escolhidos. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2005. 270p.

MICHILOT, María Mendoza. **Inicios del periodismo en el Perú**. Relaciones y noticiarios. Universidad de Lima, 1997.

MOTTA, Márcia; ESTEVES, Carlos Leandro da Silva. Ligas Camponesas: História de uma luta (des)conhecida. In: **Formas de resistência camponesa**: visibilidade e diversidade de conflitos ao longo da história, vol. 2: concepções de justiça e resistência nas repúblicas do passado (1930-1960) / Márcia Motta, Paulo Zarth (orgs.). – São Paulo: Editora UNESP; Brasília, DF: Ministério do Desenvolvimento Agrário, NEAD, 2009, p.243-258.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o "perigo vermelho"**: o anticomunismo no Brasil, 1917-1964. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

MURRI, María Lourdes. **Los movimientos campesinos de la sierra peruana**: una mirada desde la colonialidad/decolonialidad del poder (1959-1969). MILLCAYAC - Revista Digital de Ciencias Sociales / Vol. VI / N° 10 / marzo - agosto 2019.

NASCIMENTO, Jorge Luiz do. **Trincheiras ideológicas**: O debate entre os jornais peruanos El Comercio e La Tribuna. 2010.

- PERDOMO, Nidiane Saldanha. **A função social do jornalismo no mercado de notícias**. Porto Alegre (UFRGS), 2015
- RANGEL, Maria do Socorro. **Medo da morte e esperança de vida: uma história das Ligas Camponesas**. Campinas, 2000. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação do Instituto de Ciências Humanas e Filosofia e da Universidade Estadual de Campinas.
- RIVA-AGÜERO, José de la. **La historia en el Perú**. Pontificia Universidad Católica, Lima, 1965.
- RIBEIRO, Ana Paula Goulart; VIEIRA, Itala Maduell. **O JB que era jornal de verdade: jornalismo, memórias e nostalgia**. Revista Matrizes V.12 - Nº 3 set./dez. 2018. São Paulo - Brasil, 2018.
- SANTHIAGO, Ricardo. **Da fonte oral à história oral: debates sobre legitimidade**. Saeculum: Revista de história - João Pessoa, jan/hun 2008.
- SEGABINAZZI, Tiago; MAZZARINO, Jane Márcia. **Narrativas midiáticas contra-hegemônicas: jornalismo amador como afirmação identitária**. C&S – São Bernardo do Campo, v. 41, n. 1, p. 109-129, jan.-abr. 2019.
- SHANIN, Teodor. **A definição de camponês: conceituações e desconceituações - o velho e o novo em uma discussão marxista**. Revista Nera – Ano 8, N. 7 – Julho/Dezembro de 2005.
- SHARPE, James Jim. **A Escrita da história: novas perspectivas / Peter Burke (org.); In: A história vista de baixo**. Tradução de Magda Lopes. - São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.
- SOARES, Gabriela Pellegrino. **Projetos políticos de modernização e reforma no Peru: 1950-1975**. São Paulo: Annablume: FAPESP, 2000.
- SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. 2ª ed. Edições do Graal, 1977.
- THOMPSON, Edward P.. **A história vista de baixo**. Editora da Unicamp, 2001.
- THOMPSON, John Brookshire. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis: Vozes, 2011.